

Maria Cristina Dias

FIOS DE HISTÓRIA

75 anos da Fiação São Bento



Maria Cristina Dias

Fios de história
75 anos da Fiação São Bento

primeira edição

Editora Areia
Joinville-SC
2023

PREFÁCIOS

Orgulho de todos nós

A Fiação São Bento é uma empresa de sucesso!

Isso é evidenciado de várias formas. Ao chegar aos 75 anos de atividades, é uma referência em produção de fios de qualidade no País, e está em constante atualização tecnológica, lado a lado com as melhores empresas do ramo, no mundo.

Em 2022, se consolidou entre as 500 Maiores Empresas do Sul do País, de acordo com o tradicional ranking da Revista Amanhã. Uma empresa sólida, que gera emprego para centenas de trabalhadores, direta e indiretamente, e não para de crescer.

Desde o início, se firmou como uma parceira da comunidade, contribuindo para o desenvolvimento do bairro Serra Alta e do município de São Bento do Sul, onde está sediada. Ao longo dos anos, mobilizou-se para que a região tivesse melhor infraestrutura, educação, saúde, lazer... elementos que se traduzem em qualidade de vida.

E, mais importante, é um local onde as pessoas têm satisfação em trabalhar. Isso se revela no sorriso nos rostos, na motivação para ir além de suas tarefas e se dedicar ao bem-estar de todos, na dedicação e permanência por décadas e na presença de gerações da mesma famí-

lia. Na FSB, os funcionários encontram uma empresa em que podem confiar e que é uma base para a construção de suas vidas.

Visionários, Otto Eduardo Lepper e Carlos Renaux, perceberam uma oportunidade há mais de sete décadas e não hesitaram em reunir empreendedores com a mesma coragem de colocar a mão na massa e realizar um sonho. Os obstáculos foram muitos, mas eles superaram e ergueram uma empresa, literalmente, do zero.

Há 51 anos tenho orgulho de fazer parte desta história, sempre com o inestimável apoio de minha esposa Helga Loyola, neta do fundador Otto Lepper. De lá para cá, partimos de um modelo tradicional de organização para um conceito de empresa voltada para a inovação, que valoriza as pessoas e todos os dias desenha o futuro.

É impossível citar todos os que contribuíram para que a Fiação São Bento se tornasse o que é hoje, desde aquele longínquo ano de 1948. Foram milhares! Por isso, deixo nossos mais sinceros agradecimentos a cada um.

Muito obrigado!

Henrique Loyola, presidente da Fiação São Bento



Um lugar para construir a vida *Fiação São Bento, uma família*

A história da minha vida se confunde com a da Fiação São Bento – e tenho muito orgulho disso. Quando cheguei, em 1951, tinha apenas 21 anos e ainda estava concluindo os estudos. Eu era pouco mais que um garoto, que já trabalhava na Fabril Lepper desde os 15 anos, e vislumbrei a oportunidade de ampliar os horizontes em uma empresa nova, que estava começando, e onde tudo ainda estava por ser feito. A Fiação era um projeto em construção. E eu também! Crescemos juntos!

Hoje, quando a FSB completa 75 anos, sinto uma enorme satisfação de ver como ela se desenvolveu e se tornou uma organização sólida, reconhecida pela qualidade de seus produtos e pelo olhar constante para o futuro. Uma empresa que preserva valores, que tem um olhar atento para os funcionários, que sabe que é a dedicação de cada um que faz com que tenhamos uma organização de sucesso e um bom lugar para trabalhar.

Nós somos – e fazemos – a Fiação São Bento. É muito bom saber que nossos funcioná-

rios se sentem bem aqui e trazem seus entes queridos. Ver pai, filhos, irmãos, sobrinhos e netos lado a lado, ao longo dos anos, trabalhando na empresa, é muito bom.

Não é por acaso que as pessoas não hesitam em definir a empresa como uma grande família. Com certeza, ela é. Em uma família uns ajudam os outros a crescer. A família é a nossa base, o porto seguro que nos dá a segurança, a tranquilidade e as condições necessárias para construirmos a nossa vida – é a nossa casa.

Quando os nossos funcionários abrem um sorriso ao chegar à empresa e começar o dia de trabalho, eles nos mostram que estamos no caminho certo: um caminho de respeito mútuo e desenvolvimento para todos.

A Fiação São Bento também é parte da comunidade. Ao mesmo tempo em que crescíamos, o bairro Serra Alta se ampliava, ganhava mais moradores e infraestrutura. Nossos bombeiros há décadas estendem a mão amiga a todos, e nossos colaboradores deixam sua contribuição na vida pública, esportiva e social de São Bento do Sul.

É esta a FSB que queremos, que somos, e que vamos continuar construindo a cada dia.

Muito obrigado a todos!

Horst Maul, diretor da Fiação São Bento



Tradição e modernidade lado a lado

A Fiação São Bento chega aos 75 anos conseguindo aliar duas importantes características que fazem a diferença em uma organização: a modernidade e a tradição. Ela preserva os bons elementos do passado, como solidez, segurança e confiança tanto de clientes quanto de fornecedores e funcionários. Ao mesmo tempo, está em dia com o seu tempo, com um padrão de qualidade que atende aos parâmetros mais exigentes no mundo.

Somos uma empresa moderna, que mantém uma política de atualização tecnológica permanente para garantir que o nosso fio esteja sempre entre os melhores. Nas primeiras décadas, esta modernização vinha acompanhada de expansão física. Crescemos, construímos novas unidades, galpões, infraestrutura. Hoje, o constante aumento da eficiência dos equipamentos nos dá o ritmo do desenvolvimento e da qualidade.

Algumas coisas, porém, permanecem. A valorização das pessoas e a presença na comunidade são algumas delas.

Há 20 anos, quando Henrique Loyola me convidou para vir para a Fiação São Bento, eu

morava em Joinville. E ele falou: “Vá lá para São Bento do Sul, para perto da comunidade.” E eu vim. Um conselho acertado de quem sempre se preocupou em aliar o desenvolvimento da empresa com o do local onde ela está inserida. Atualmente, isso é ampliado com a preocupação em manter a sustentabilidade não só econômica, mas também a ambiental. Cuidar do nosso meio ambiente é uma premissa de quem olha para o futuro, e a FSB está atenta a isso.

Outra característica que muito nos orgulha é a atenção às pessoas. A FSB é uma boa empresa para trabalhar, por isso, nossos funcionários ficam conosco por 20, 30, 40 anos. Crescem profissionalmente aqui dentro e trazem a família. Eles têm a segurança de poder construir a vida e a tranquilidade que só uma empresa sólida permite. Essa longevidade se traduz em confiança mútua. A FSB confia em suas pessoas – e as pessoas confiam na FSB.

Este é o caminho construído até hoje e que levamos para o nosso futuro. Nossa gratidão a todos que fazem parte desta trajetória.

Andreas Broder, diretor da Fiação São Bento



AGRADECIMENTOS

Uma organização de sucesso se constrói a muitas mãos. A Fiação São Bento é grata pela dedicação e confiança de todos os funcionários, clientes, fornecedores e amigos que há 75 anos contribuem para fazer esta grande empresa e proporcionar desenvolvimento a São Bento do Sul e Santa Catarina.

Que Deus continue nos guiando nessa trajetória!

PARTE 1

O início da Fiação São Bento 16

CAPITULO 1

O cenário no pós-guerra 20

CAPITULO 3

1951 – A Fiação São Bento começa a operar 45

Investimentos na infraestrutura local 50

Sem energia, sem produção 52

Horst Maul, uma vida na FSB 55

CAPITULO 2

A criação da Fiação São Bento 22

A indústria têxtil catarinense e suas demandas 22

A CIA fabril Lepper e o Grupo Renaux 23

União para formar uma nova empresa 27

Do papel para a realidade 30

Mão de obra especializada – mais um desafio 36

Energia elétrica, uma preocupação 43

CAPITULO 4

Os primeiros 20 anos 62

A fábrica se expande aos poucos 66

Entra em cena a segunda geração 68

Avanços na estruturação interna e na assistência aos funcionários 72

A empresa cresce, toda a comunidade é beneficiada 74

Uma inesperada transição 81

PARTE 2

A Era Loyola 84

CAPITULO 6

30 anos da fábrica – A FSB em festa 104

Rumo à segunda ampliação 107

Sempre em frente 108

“Um alqueire de máquinas” 113

Mais espaço para crescer 117

CAPITULO 8

Gente que faz a Fiação 132

Uma grande família 135

Valorização das pessoas 137

Ao lado da comunidade 140

Fortalecimento do associativismo e da participação na vida pública 144

Bombeiros voluntários, um capítulo à parte 145

CAPITULO 5

A chegada de Henrique Loyola 86

Hora de colocar a mão na massa 92

Um novo ritmo de trabalho 94

Ampliação da fábrica, quebra de máquinas e resultado multiplicado 96

CAPITULO 7

Tecnologia e diversificação 120

A evolução da Fiação São Bento 124

Laboratório moderno 128

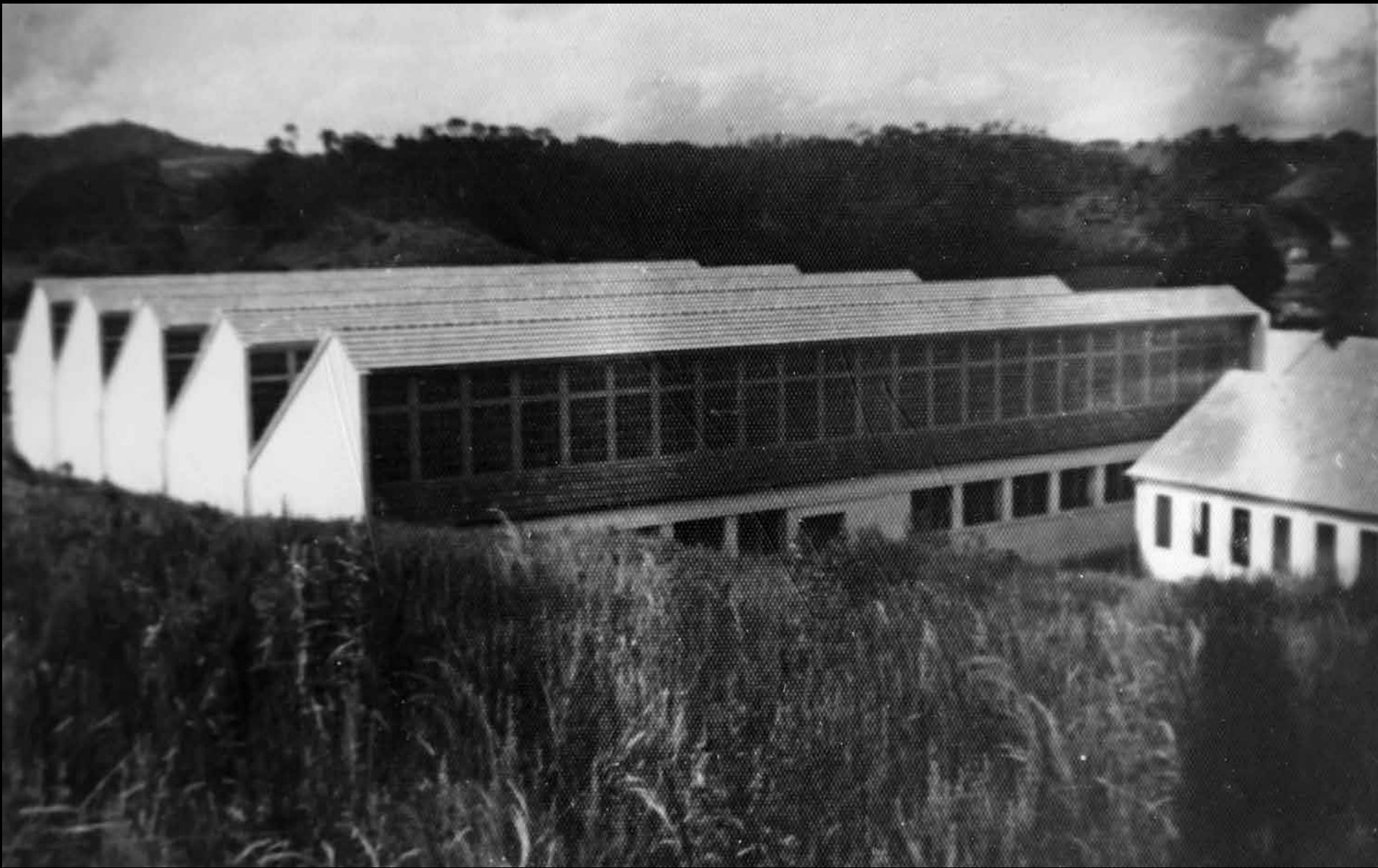
CAPITULO 9

Fiação São Bento de hoje – e do futuro 149

Atenção ao Meio Ambiente 153

Parte

1



O início da Fiação São Bento



O dia 28 de maio de 1948 está marcado na história da indústria têxtil catarinense. Nesta data, um grupo de empresários oficializou a criação de uma fábrica para produzir fios de qualidade para suprir a demanda da região. Era o início da Fiação São Bento S/A, que em 2023 chega aos 75 anos consolidada como uma das grandes produtoras de fios no Brasil, com uma capacidade produtiva de mais de 16 mil toneladas de fio por ano. Uma empresa de ponta em sua área, que prima pela atualização tecnológica constante, pelo desenvolvimento de suas pessoas e pela forte presença na comunidade em que está inserida.

A criação da empresa foi liderada pelos empresários Otto Eduardo Lepper e Carlos Renaux, proprietários de duas grandes têxteis catarinenses, a Cia Fabril Lepper, de Joinville, e a Fábrica de Tecidos Carlos

Otto Eduardo
Lepper

Renaux S/A, do Grupo Renaux, de Brusque, que abriram uma lista de adesão para viabilizar financeiramente o empreendimento. Alguns sócios nem eram do ramo têxtil, mas acreditaram na ideia visionária de uma nova indústria no distante bairro Serra Alta, em São Bento do Sul, no Planalto Norte catarinense. E, do zero, com união de esforços e superando os muitos obstáculos, construíram uma das grandes organizações do Sul do País.



Na ocasião, cada 10 ações equivalia à quantia de Cr\$ 100 mil (cem mil cruzeiros, a moeda vigente na época). O maior acionista era a Cia Fabril Lepper, com com 200 ações (27,77%) de Otto Eduardo Lepper e mais 10 ações de seu filho Otto Lepper Júnior, totalizando 29,16% das ações. Em seguida estava o Grupo Renaux, com a participação da “Fab TCDS” Carlos Renaux S/A (Têxtil) e de Gustavo Walter Bueckmann (diretor técnico da Fábrica de Tecidos Carlos Renaux e genro de Carlos Renaux), que juntos somavam 160 ações (22,21 %).

Assim, o primeiro presidente da Fiação São Bento foi Otto Eduardo Lepper. Erich Walter Bueckmann, engenheiro têxtil, filho de Gustavo Walter Bueckmann e neto do fundador e presidente da Renaux, teve papel fundamental durante todo o processo e ao longo das primeiras décadas da empresa.

Carlos Renaux

Assembleia Geral Ordinária, de dia 22, de Fevereiro, de 1949.

Relação dos acionistas da Fiação São Bento S.A. presentes à Assembleia Geral Ordinária, que se realizou na sede social da sociedade, à Abadia dos Banhados 4 n.ª, nesta cidade de São Bento do Sul, Estado de Sta. Catarina, nesta data, dia 22, de Fevereiro, de 1949, às 15 horas, atendendo ao convite expedido pelo Diário Oficial do Estado, edições nos. 2.678, 2.676 e 2.677, respectivamente, de 2, 4 e 5, do corrente mês e no.º Jornal de Joinville, que se edita na cidade de Joinville, em suas edições nos. 17, 27 e 28, respectivamente de 29, de Janeiro, 16 e 20, de Fevereiro, de 1949, com o seguinte

Ordem, de dia.

- 1.ª - leitura, discussão e deliberação sobre o relatório da Diretoria, parecer do Conselho Fiscal, balanço geral e contas da administração, referentes ao ano de 1948.
- 2.ª - eleição de novo Conselho Fiscal.
- 3.ª - assuntos de interesse social.

São Bento do Sul, 22 de Fevereiro, de 1949.

Antes assinados.

Juris. Bernardo Olsen,

Abel Lippow, brasileiro, Rua Vin. de Fanny 26. São Bento do Sul, 10 anos de idade.

Ernesto Schwaninger, brasileiro, Rua Vin. de Fanny 14. São Bento do Sul, 10 anos de idade.

Fernando de Souza, brasileiro, Rua Manoel de Barros 8-50. São Bento do Sul, 10 anos de idade.

Fabiano de Toledo Carlos Kussner S.A. 14000 ações

Justo H. Vin. Am. Kussner 2000 ações

Dr. Heppner, brasileiro, Rua Manoel de Barros 427 São Bento do Sul 20 ações

Dr. João Heppner 10 ações

Dr. Gabriel Heppner, Otto Heppner 200 ações

Registro de livro de ata
Ata da primeira
assembleia de
acionistas

Dr. Meunhardt, bras., Rua São Paulo, 31, Joinville
 Alfredo Brioso, bras., Edifício Colón Joinville
 Alfredo de Aguiar, bras., Rua S. Paulo, 31, Joinville
 David S. de Oliveira bras., Rua S. Pedro, Joinville
 Leopoldo Meunhardt, bras., Rua São Paulo, 31, Joinville
 Leopoldo Meunhardt, bras., Rua Condé Fanny, Joinville
 Otto Heppner, bras., Rua São Paulo, 31, Joinville
 Antônio Heppner, bras., Rua Manoel de Barros 144 Joinville
 Heppner

Lista de presença de acionistas na primeira Assembleia Geral da FSB, em 22 de fevereiro de 1949

Acionista presente/ Ramo de atividade	Representante do acionista	Capital Subscrito	Em ações	Procedência
Antonio Kaesemodel (madeireiro)		1.000.000,00	100 (13,88%)	São Bento do Sul
Luiz Bernardo Olsen (madeireiro)		1.000.000,00	100 (13,88%)	Rio Negrinho
Carlos Zipperer (Móveis Cimo)		100.000,00	10 (1,38%)	São Bento do Sul
Erwino Schummacher (comércio - Lojas Schumacher)		100.000,00	10 (1,38%)	São Bento do Sul
Alexandre E. de Oliveira (advogado)		100.000,00	10 (1,38%)	São Bento do Sul
Fab TCDS Carlos Renaux S/A (Têxtil)	Erich W. Bueckmann (presidente)	1.400.000,00	140 (19,44%)	Brusque
Gustavo Walter Bueckmann (diretor técnico da Fábrica Tec Carlos Renaux)	Erich W. Bueckmann (por procuração)	200.000,00	20 (2,77%)	Brusque
Otto Zschoerpper (cervejeiro)		100.000,00	10 (1,38%)	São Bento do Sul
Pedro R. Cominense (médico)		100.000,00	10 (1,38%)	São Bento do Sul
Cia Fabril Lepper S/A (Otto Eduardo Lepper - Têxtil)		2.000.000,00	200 (27,77)	Joinville
Aldo Marquardt (Tricotagem A. Marquardt - têxtil)		150.000,00	15 (20,83)	Joinville
Alfredo Briese (fotógrafo)		100.000,00	10 (1,38%)	Joinville
Alfredo Marquardt (Tricotagem A. Marquardt - têxtil)		200.000,00	20 (2,77%)	Joinville
David S. de Oliveira (médico)		200.000,00	20 (2,77%)	Joinville
Ingwaldo Marquardt (Tricotagem A. Marquardt - têxtil)		150.000	15 (2,08%)	Joinville
Leonardo Meinert (madeireiro - irmão de João Teodoro Meinert)		100.000,00	10 (1,38%)	Joinville
Otto Lepper Junior (Cia Fabril Lepper - Têxtil)		100.000,00	10 (1,38%)	Joinville
Rudolf Schmalz (comércio)		100.000,00	10 (1,38%)	Joinville
Total		7.200.000,00	720 (100%)	

CAPÍTULO 1

O cenário no pós-guerra

Em 1948, o mundo vivia um momento de incertezas e recomeço. A Segunda Guerra Mundial havia destruído fisicamente os países europeus e abalado a economia em todos os continentes.

Por outro lado, toda época de crise também é de oportunidades. As dificuldades de importação, a escassez de produtos e, mais tarde, as diretrizes políticas e econômicas nas esferas federal e estadual contribuíram para que as iniciativas locais se desenvolvessem, o que alavancou a indústria no País – e em Santa Catarina não foi diferente. Havia demanda, era preciso haver produção.

Dados do livro “Industrialização de Joinville (SC) – da Gênese às Exportações”, da historiadora Isa de Oliveira Rocha, apontam que nos 20 anos seguintes à Segunda Guerra Mundial a indústria brasileira cresceu 8% ao ano, uma taxa excepcional até para os dias de hoje.

“Em atenção às diretrizes federais, em Santa Catarina seguiu-se um planejamento governamental. No que se refere ao setor industrial, os planos apresentam algumas características: o primeiro documento de ação do governo (...) foi o Plano de Obras e Equipamentos (POE), dos

governos de Irineu Bornhausen (1951-55), Jorge Lacerda (1956-58) e Heriberto Hülse (1958-60) visando priorizar as estradas de rodagem, a energia elétrica e a agricultura e educação”, escreveu a historiadora.

O que se viu a partir daí foi uma profunda transformação no Brasil, que cada vez mais deixava de ser um país essencialmente rural para observar o crescimento de suas cidades e o fortalecimento dos setores secundários (a indústria) e terciário (os serviços).

CAPÍTULO 2

A criação da Fiação São Bento

A INDÚSTRIA TÊXTIL CATARINENSE E SUAS DEMANDAS

Na década de 1940, a indústria têxtil catarinense estava em franca expansão com a consolidação de empresas especialmente no Vale do Itapocu e no Nordeste do estado. O Grupo Carlos Renaux, em Brusque, já era uma potência; e a Cia Fabril Lepper se destacava em Joinville e região. Empresas como Hering (1880), Karsten (1882), Garcia (1885), Döhler (1881), Centauro S/A Meias e Malhas (1910), Tricotagem Alfredo Marquardt (1911), entre muitas outras, se desenvolviam a olhos vistos e geravam empregos no setor.

A dificuldade logística de abastecimento era grande e as principais indústrias têxteis mantinham fiações próprias para garantir a matéria-prima que precisavam. As indústrias Carlos Renaux, por exemplo, contavam com a Fiação Limoeiro, que abastecia a empresa. Outras, importavam o fio da região Sudeste do Brasil e de outros países, como a Alemanha.

A Cia Fabril Lepper a princípio adquiria fios de São Paulo, conforme consta no livro “Lepper, primeiro século”, do historiador Apolinário Ternes. Esta matéria-prima chegava a Santa



Hermann August
Lepper

Catarina por via marítima e, posteriormente, por via férrea. A partir da década de 1920, a empresa passou a contar com uma parceira local, a Colin, Lepper & Cia, que deu origem à Fiação Joinvilense, fabricante de fio de algodão.

A CIA FABRIL LEPPER E O GRUPO RENAUX

Criada em 1907, a “Lepper & Cia”, como era chamada na época, era administrada pelo fundador Hermann August Lepper e por dois de seus três filhos homens, Leopold e Otto Eduardo (o primogênito, Alphons dedicou-se à casa comercial da família). Com formação técnica na Alemanha na área têxtil, Leopold era responsável pela área operacional, enquanto a gestão financeira e a área comercial ficavam por conta de Otto Eduardo. A partir de 1930, com o falecimento de Hermann Lepper, os irmãos assumiram a empresa.

Um acordo firmado entre os dois sócios foi decisivo para mudar esta história. Atentos às dificuldades na sucessão empresarial, Leopold e Otto Eduardo decidiram que, em caso de morte de um dos dois, o irmão sobrevivente ficaria com a totalidade da então “Lepper, Irmãos e Cia”. Já a família do falecido herdaria a Fiação Joinvilense (que tinha como sócia a família Colin) e outros bens.



Transporte de carga
de madeira na Estação
Ferroviária de Serra Alta,
em 1950

Em 1934, Leopold morreu prematuramente e coube a Otto Eduardo Lepper dar continuidade à Cia Fabril Lepper. A princípio, o fornecimento continuou a ser realizado pela Fiação Joinvilense, mas crescia em Otto o desejo de montar a sua própria fiação e ter autonomia na obtenção da matéria-prima fundamental para a sua empresa. Nessa época, ele tinha 52 anos e seus filhos Geraldo e Otto Lepper Júnior já estavam a seu lado na organização.

Responsável pela área comercial desde o início da Cia Fabril Lepper, ainda jovem o próprio Otto Eduardo Lepper costumava pegar as amostras de tecidos e viajar pelo estado para prospectar novos negócios e atender aos clientes. Nessas andanças ao longo de anos, nas décadas de 1910 e 1920, ele cultivou um apreço especial pelo Planalto Norte catarinense.

Neta de Otto Eduardo Lepper, Helga Loyola conta que o avô costumava subir a Serra Dona Francisca e pernoitar em uma pensão no Alto da Serra, onde havia sido o Hotel Kunder, tradicional ponto de parada de viajantes, e onde hoje se comercializa raiz forte. No dia seguinte, seguia para São Bento do Sul e municípios vizinhos. Gostava do clima e da cultura local e, já vislumbrando o potencial da área, adquiriu terras na região – inclusive um amplo terreno na Estrada dos Banhados, próximo à estação ferroviária do bairro Serra Alta, um lugarejo que praticamente vivia ao redor do movimento da estação. Atualmente, a Estrada dos Banhados é a rua Otto Eduardo Lepper.

Estas terras foram de fundamental importância em 1948, quando a aquisição de matéria-prima se transformou em um problema para as indústrias têxteis. Nesta época, a Lepper já

não usava os fios da Fiação Joinvilense e os comprava de São Paulo, o que aumentava o custo de produção e impactava na competitividade – uma realidade que afetava também outras empresas catarinenses e precisava ser mudada.

A origem da Cia Renaux também remonta ao século 19, quando o imigrante Karl Christian Renaux (Carlos Renaux) chegou ao Brasil, em 1882, com apenas 20 anos. Primeiro ele se instalou em Blumenau e depois mudou-se com a família para Brusque. Mais tarde, em 1892, junto com dois sócios instalou uma pequena fábrica de tecidos na cidade. No início eram apenas oito teares manuais. A fábrica, porém, cresceu rapidamente e tempos depois Renaux criou a primeira fiação de algodão em Santa Catarina – empreendimentos que depois passaram a seus filhos e netos, até encerrarem as atividades em 2013.

Carlos Renaux foi superintendente de Brusque (o equivalente a prefeito), fez parte da primeira Assembleia Constituinte Estadual, em 1891, e era um grande benemérito na cidade que escolheu para viver. Durante um tempo permaneceu na Alemanha e em 1918 foi nomeado cônsul honorário do Brasil em Arnhem, na Holanda. Desde então, passou a ser conhecido como “Cônsul Renaux”.

Uma potência industrial na primeira metade do século 20, o Grupo Renaux foi administrado pelos filhos e netos do cônsul, entre eles o genro Gustavo Bueckmann, que foi diretor técnico, e depois seu neto Erich Walter Bueckmann, que foi presidente – ambos parte da história da Fiação São Bento.

UNIÃO PARA FORMAR UMA NOVA EMPRESA

No final da década de 1940, e já com as suas trajetórias empresariais consolidadas, Otto Eduardo Lepper e Carlos Renaux se uniram para fundar uma fiação no Planalto Norte, com o objetivo de abastecer o polo têxtil catarinense, que se desenvolvia a olhos vistos e precisava trazer sua matéria-prima de outros estados e até países.

Tudo apontava para uma parceria de sucesso. Os dois eram muito amigos, as famílias frequentavam a casa um do outro. Helga Loyola lembra de, ainda adolescente, ir com os avós Sophia e Otto Eduardo Lepper visitar os amigos em Brusque.

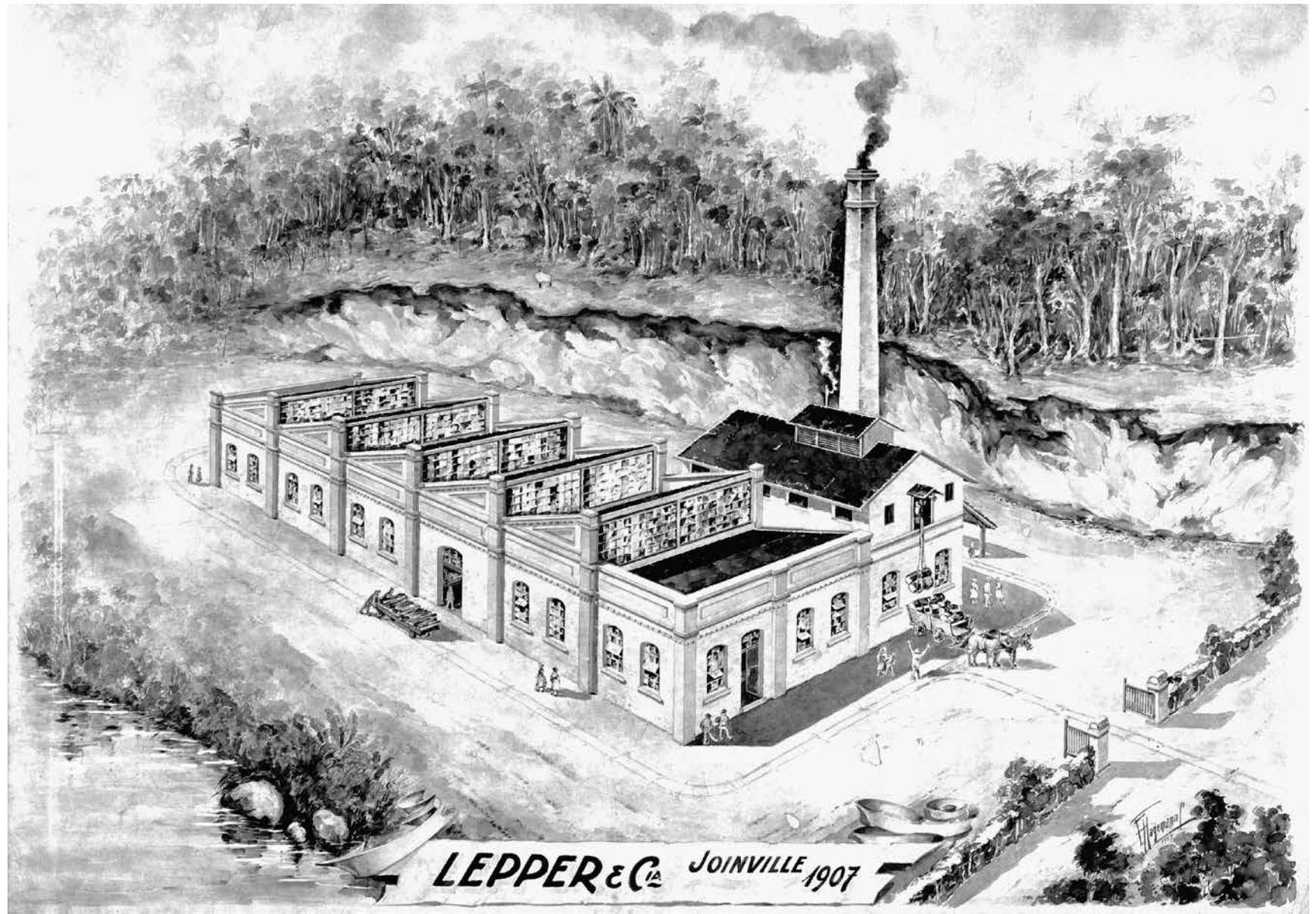
Carlos Renaux tinha o *know how* de produção na área, já mantinha há tempos a Fiação Limoeiro, com equipamentos e técnicos especializados. Otto Eduardo era proprietário de um amplo terreno em local estratégico para a logística de distribuição da produção, um dos gargalos da época no estado. Possuía também uma capacidade de mobilizar empresas do setor têxtil e empresários de outras áreas que desejavam diversificar seus negócios – inclusive comerciantes e profissionais liberais que eram clientes e amigos.

O momento econômico no País também era favorável a investimentos. Depois de um período difícil na década de 1930 e durante a Segunda Guerra Mundial, com racionamento de energia elétrica, restrições para obter combustível e até apagões na área de comunicações, situações que prejudicavam enormemente os negócios, uma onda de incentivo à industrialização para atender à demanda interna começava a crescer.

Aquele era o momento certo de montar uma fiação – e o local ideal era o Planalto Norte, às margens da linha férrea, o que facilitaria a chegada da matéria-prima e de onde a produção poderia ser escoada de forma eficiente para abastecer um mercado já consolidado e carente.



Transporte de passageiros na Estação Ferroviária de Serra Alta, em 1950



Lepper, em 1907, no início das atividades

O terreno já estava garantido na Estrada dos Banhados. Mas havia a necessidade de recursos financeiros. Para resolver isso, os dois líderes empresariais lançaram mão de suas redes de relacionamento e, como era comum na época, abriram uma lista de subscrição entre os parceiros. Cada um assinava com a quantia que podia – e queria – investir, e recebia as ações correspondentes. Era o primeiro passo. Assim, em maio de 1948 oficializaram a fundação da Fiação São Bento S/A.

DO PAPEL PARA A REALIDADE

Construir uma empresa do zero, em uma área distante do centro da cidade, com estradas precárias e escassez de mão de obra qualificada foi uma tarefa desafiadora. Era preciso encaminhar as questões legais, encomendar máquinas e equipamentos, montar toda a infraestrutura física, prospectar fornecedores de matéria-prima, contratar pessoas, enfim, colocar a mão na massa. Isso tudo em uma época em que as comunicações eram precárias (uma carta podia levar dias para chegar) e pedidos e relatórios eram redigidos nas máquinas de datilografia, ou até a mão.

Um ponto que favoreceu o empreendimento foi a ampla experiência de Otto Eduardo Lepper. Ainda jovem, na primeira década do século 20, ele esteve ao lado do pai Hermann planejando e executando a construção da Cia Fabril Lepper. Ao contrário da maioria das empresas da

época, que nasciam a partir de pequenos negócios caseiros, ela foi minuciosamente planejada. Desde a escolha do terreno próximo a nascentes de água, até a construção de locais adequados para abrigar máquinas e equipamentos, caldeiras para fornecer energia (a eletricidade só chegaria anos mais tarde), áreas de armazenagem de matéria-prima e expedição, escritórios para a área administrativa e comercial, e até área de estacionamento, tudo passava pelo olhar atento do jovem Otto, que aprendeu na prática como montar uma indústria.

Os filhos de Otto Eduardo, Otto Lepper Jr. e Geraldo, e os sócios-diretores da Cia Fabril Lepper, João Theodoro Meinert e Jorge Parucker, também foram envolvidos diretamente nas atividades. Da parte da Renaux, o engenheiro Erich Bueckmann foi a pessoa decisiva na nova Fiação São Bento. Ele era filho de Gustavo Walter Bueckmann, diretor técnico da Tecelagem Carlos Renaux, genro de Carlos Renaux e também acionista da empresa.

Os trabalhos na Fiação São Bento logo começaram e no dia 14 de agosto de 1948, em reunião na sede social na Estrada dos Banhados, um espaço criado em meio ao canteiro de obras para dar encaminhamento às questões administrativas, o já instituído presidente da empresa, Otto Eduardo Lepper informava:

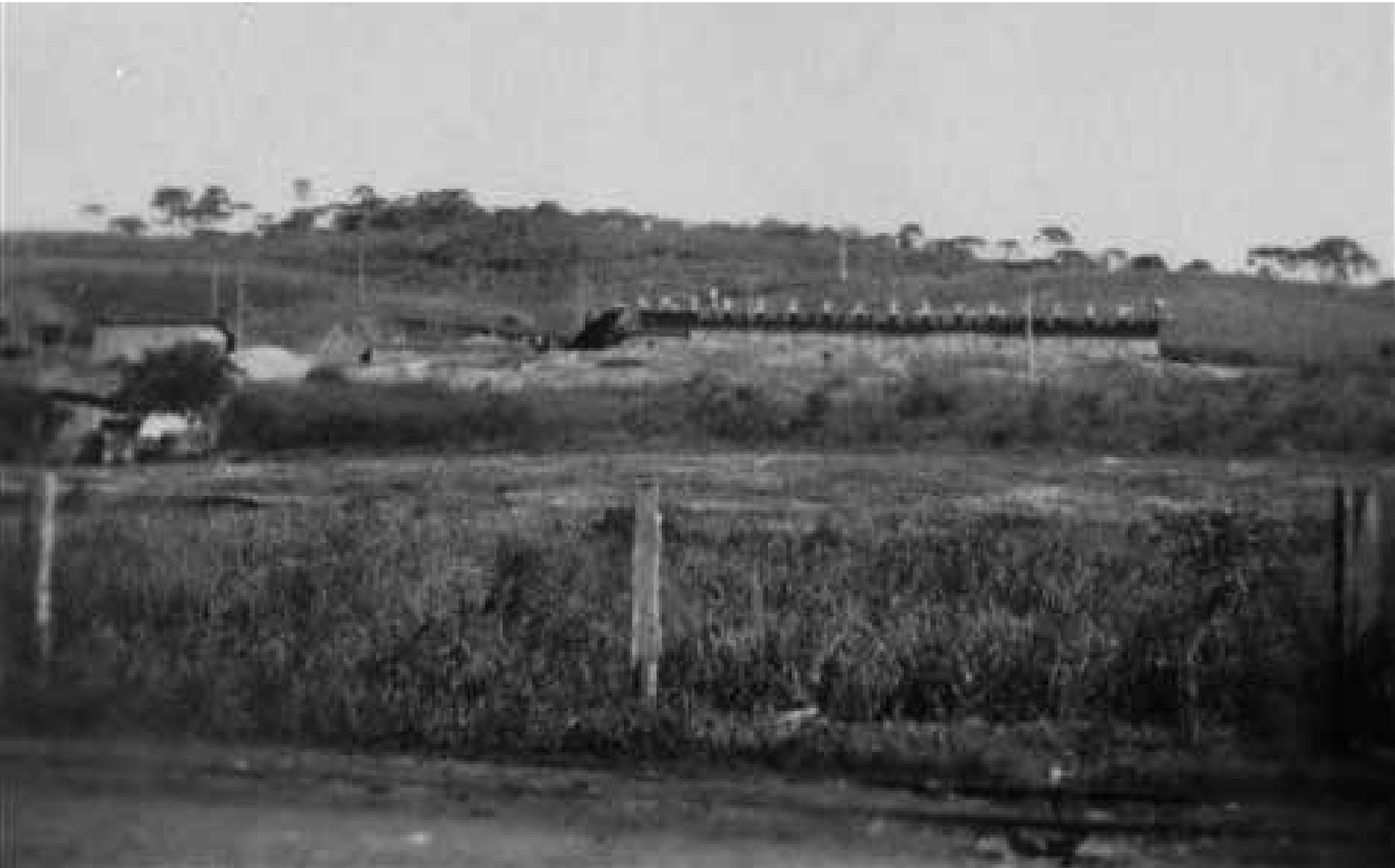
Achando-se devidamente organizada e constituída a sociedade da Fiação São Bento S/A, conforme consta da respectiva escritura de constituição, publicação das atas no diário Oficial do Estado e registro na junta comercial do Estado (...).

A data marca o início da escrituração comercial, com todos os livros exigidos por lei devidamente registrados.

Tudo era feito ao mesmo tempo. Assim, enquanto a parte legal era providenciada, a obra já estava em andamento, com a preparação do terreno, colocação das armações de madeira das *sheds* (estruturas triangulares que caracterizavam as fábricas e, na prática, possibilitavam o melhor aproveitamento da luz externa), a cobertura com telhas e a colocação das janelas.



Terraplenagem em 1948



Início da construção do parque fabril em 1949 e vista do bairro de Serra Alta

Os desafios também começavam a aparecer. A encomenda das máquinas já estava em andamento, quando o fornecedor solicitou a revisão de preços, o que, em uma época em que a comunicação era difícil e demorada, obrigou o diretor-gerente João Theodoro Meinert a viajar a São Paulo para resolver a questão pessoalmente. O fato gerou um aumento médio no custo de todo o maquinário para a Fiação, inclusive acessórios, acionamento e laboratório, o que onerou em 51% o orçamento inicial.

Uma situação grave, que provocou uma nova chamada de capital junto aos acionistas para fazer frente às despesas, conforme registro assinado pelo presidente no livro de reuniões da FSB, em outubro de 1948:

“Devido ao aumento dos preços do maquinário, o capital social inicialmente subscrito não é suficiente para fazer frente às despesas de construção, financiamento do maquinário e capital em movimento. Os acionistas serão procurados, pois disso depende o êxito do empreendimento.”

As máquinas *Whitin Machine Worles* eram importadas dos Estados Unidos – e importar um produto naqueles dias não era tarefa simples. As fabricantes de máquinas no pós-guerra somente iniciavam a fabricação do produto após a abertura de crédito via Banco do Brasil e havia dificuldades em conseguir dólares para a transação. Com isso, o tempo de espera por

um equipamento podia chegar a meses. A aquisição das máquinas foi dividida em três lotes e para cada um era necessário fazer uma nova abertura de crédito, o que demandava ainda mais tempo.

Havia ainda uma preocupação grande com o fornecimento de energia elétrica para o funcionamento da unidade fabril. Na época, a concessionária do serviço de energia elétrica em Santa Catarina era a Empresul. O estado, porém, vivia um *boom* de desenvolvimento industrial



Cumeira, em 1949

e a demanda era maior que a capacidade de fornecimento. Assim, apesar da Empresul ter garantido que haveria energia para as horas noturnas, foi recomendado envio de uma carta à empresa solicitando reserva da quota necessária – algo que se mostrou justificado tempos depois.

Nenhum destes obstáculos, entretanto, impediu que os trabalhos continuassem e as obras físicas avançassem. Em 15 de janeiro de 1949 acionistas, autoridades e operários se reuniram na Festa da Cumeeira da Fiação São Bento, com visita ao local. Helga Loyola, neta de Otto Eduardo Lepper, lembra de ainda menina ter subido a Serra Dona Francisca com a família para participar da festa. Era um importante marco na realização do sonho.

MÃO DE OBRA ESPECIALIZADA – MAIS UM DESAFIO

Com as máquinas encomendadas, os primeiros créditos de importação encaminhados e as obras na área física a pleno vapor, outras demandas começavam a surgir. Quem iria receber as máquinas, montá-las, operá-las para concretizar a produção?

Mão de obra especializada não havia na região e para resolver o problema, em abril de 1949, foi contratado o técnico João Weilemann, o primeiro funcionário registrado da empresa (cadastro 001), que se tornou uma figura essencial nesses anos iniciais da Fiação São Bento. Suíço e já radicado em Itajaí, ele foi contratado por Erich Bueckmann e encaminhado para um estágio de seis meses na Fiação Limoeiro, em Brusque, para aperfeiçoar os conhecimentos nas

FIAÇÃO
Nome da firma

Registro de Empregados

N. de ordem 1

Carteira Profissional nº 9257 série 4a

Carteira de Reservista nº _____ Série _____ Categoria _____

Caderneta de Aposentadoria e Pensões n.º 37.0115 e 11.779.172

Nome João Th. Weilenmann Sexo Mac.

Filiação { Pai Theodoro Weilenmann
Mãe Ana Weilenmann

Nacionalidade Suíssa Naturalidade - Lugar do nascimento Wilherdthur Data do nascimento 5/3 1899 Idade 51 anos

Estado civil Casado Residência Estrada dos Banhados

Data da admissão ao serviço 25/4/1949, Categoria ou ocupação habitual tecnico de Fiação

Salário Cr\$5.000,00 Forma de pagamento me.sai
(Ordenado e comissão) (Mensal, quinzenal, semanal ou diário)

Seção onde trabalha este Geral

Para trabalhar normalmente das 7 às 17 horas, com os intervalos de 1 1/2 hora para refeição e descanso.

Nomes dos beneficiários { Sua Esposa Elvira

Nacionalidade da esposa brasileira Nacionalidade dos filhos -

Quando estrangeiro, data em que chegou no Brasil / / /

N.º da carteira de estrangeiro _____

Casado com brasileira? sim Tem filhos brasileiros? -

É sindicalizado? _____ Nome do sindicato _____ n.º de matricula _____

Assin. do empregado João T. Weilenmann Data 25/4/49

Data da dispensa _____ de _____ de 19 _____

máquinas *Whitin Machine Works*. Somente após a chegada do maquinário, meses depois, é que começou efetivamente a atuar na Fiação São Bento.

Para acomodá-lo, foi adquirida uma casa modesta na atual rua José Ruckl, precisando de reparos. Com o tempo, outras casas foram adquiridas ou construídas para a moradia dos funcionários, muitos dos quais vinham de longe.

As máquinas, por sua vez, começaram a chegar em maio de 1949 – no dia 25 daquele mês foram desembarcadas as caixas com o primeiro lote trazendo dois alimentadores misturadores, abridor e misturador, um abridor e limpador de esteira, um distribuidor pneumático, um filtro condensador e dois coletores de pó “Aerotur”.

Dois meses depois, veio o segundo lote, com três caixas com quatro motores elétricos e 33 caixas com abridores, motores e material elétrico.

João Weilenmann,
cadastro 001 da FSB

Chegada de máquinas
na Fiação São Bento,
em 1949





O maquinário vinha de navio, fazia o transbordo em São Francisco do Sul e era desembarcado no porto de Joinville, sob os olhares atentos de Otto Eduardo Lepper, que acompanhava pessoalmente o trabalho. Depois as caixas eram enviadas por via rodoviária, pela Estrada Dona Francisca, para São Bento do Sul. Desta época, data uma parceria que se manteve ao longo destes 75 anos de atividades da FSB: a Transportadora Habowski, na época a cargo do fundador Luiz Habowski.

Chegada de equipamentos
Whitin dos EUA, em 1950



Otto Eduardo Lepper
acompanhando a
chegada das máquinas

Este período foi atribulado por muitos motivos. O terceiro lote de máquinas só chegou no ano seguinte, pois era preciso mais recursos para realizar a importação – e isso era escasso. Havia dificuldades para aumentar a subscrição dos sócios e o Banco do Brasil só financiava indústrias em funcionamento há mais de um ano, o que ainda não era o caso.



Chegada de máquinas,
em 1950



Montagem das máquinas
na Unidade 1, em 1959

Somente no início de 1950, João Weilemann iniciou a montagem das máquinas na sala de abertura da Fiação São Bento. Para isso, contou com ajuda de diversos técnicos e mecânicos especializados da Fiação Limoeiro, que era parceira. Mesmo assim, faltavam as cardas para desenredar ou pentear as fibras de algodão – e a montagem da fábrica foi atrasada.

Nesse meio tempo, um lote de máquinas com as passadeiras sofreu avarias no transbordo de um navio para o outro. Foi chamado o representante da empresa de navegação *Loyd of London* para verificar e listar as peças para substituição. No século 21, com telefone, e internet, isso tudo já seria um grande transtorno – imagine em 1950, no período pós Segunda Guerra Mundial, com a precariedade das comunicações.

Além disso havia a inflação, o que fazia com que os preços dos equipamentos sofressem alteração e abalasse as previsões orçamentárias da empresa que, afinal, nem tinha começado a produzir ainda. O presidente Otto Eduardo Lepper apresentava “enérgica reclamação aos fabricantes”, conforme consta no Livro de Reuniões da FSB, mas pouco podia fazer para evitar isso.

Após muitas reclamações aos representantes da fabricante, em São Paulo, e várias paralisações na montagem, as primeiras seis cardas foram enviadas, seguidas das laminadeiras e, por fim, em setembro de 1950, o último lote de máquinas *Whitin Machine Works*. Com isso, já era possível concluir a instalação da fábrica, realizar os testes e, finalmente, iniciar a operação.

ENERGIA ELÉTRICA, UMA PREOCUPAÇÃO

Nesta época, havia uma grande preocupação em Santa Catarina com a regularidade do fornecimento da energia elétrica. A demanda na região crescia com o avanço da industrialização no estado e a concessionária de energia não estava conseguindo garantir o suprimento. Apagões constantes e o racionamento eram fantasmas que assombravam o setor produtivo.

Para tentar assegurar a energia necessária para o funcionamento da Fiação São Bento, Otto Eduardo Lepper foi à capital catarinense, Florianópolis (uma viagem que levava pelo menos dois dias naqueles tempos), e conseguiu do governo do estado, por meio da Empresul, dois conjuntos de geradores Diesel. Com isto, era possível manter a produção mesmo em caso de interrupção do fornecimento de energia.

Novas ligações eram difíceis de serem conseguidas, mas a falência de uma empresa em Rio Negrinho abriu espaço para uma ligação direta na rede elétrica da região – um grande avanço que, entretanto, não foi suficiente para evitar interrupções dos serviços em alguns momentos.

No final de 1950, por exemplo, a instalação de geradores da Empresul em São Bento do Sul ainda não havia sido concluída e, sem energia (apesar do contrato firmado com a empresa), os testes com as cardas, passadeiras, flyers e fiadeiras foram interrompidos. Os transformadores vinham de Florianópolis e só chegaram em janeiro de 1951. O jeito foi dar férias aos funcionários no fim do ano e aguardar a normalização do fornecimento e dos serviços.

Os prejuízos e a apreensão causados por estes acontecimentos eram grandes, especialmente porque as despesas se avolumavam, enquanto a operação sequer havia começado – e não se sabia exatamente quando isso iria ocorrer.

CAPÍTULO 3

1951 – A Fiação São Bento começa a operar

O dia exato em que a Fiação São Bento iniciou a operação é difícil de precisar. O começo foi gradativo, a partir de abril de 1951, a medida em que os obstáculos eram superados e os testes com o maquinário apresentavam resultados positivos. A fábrica possuía uma área construída de apenas 3.100 m² e cerca de 70 funcionários, que eram responsáveis por uma produção de cerca de 70 toneladas de fio/mês.

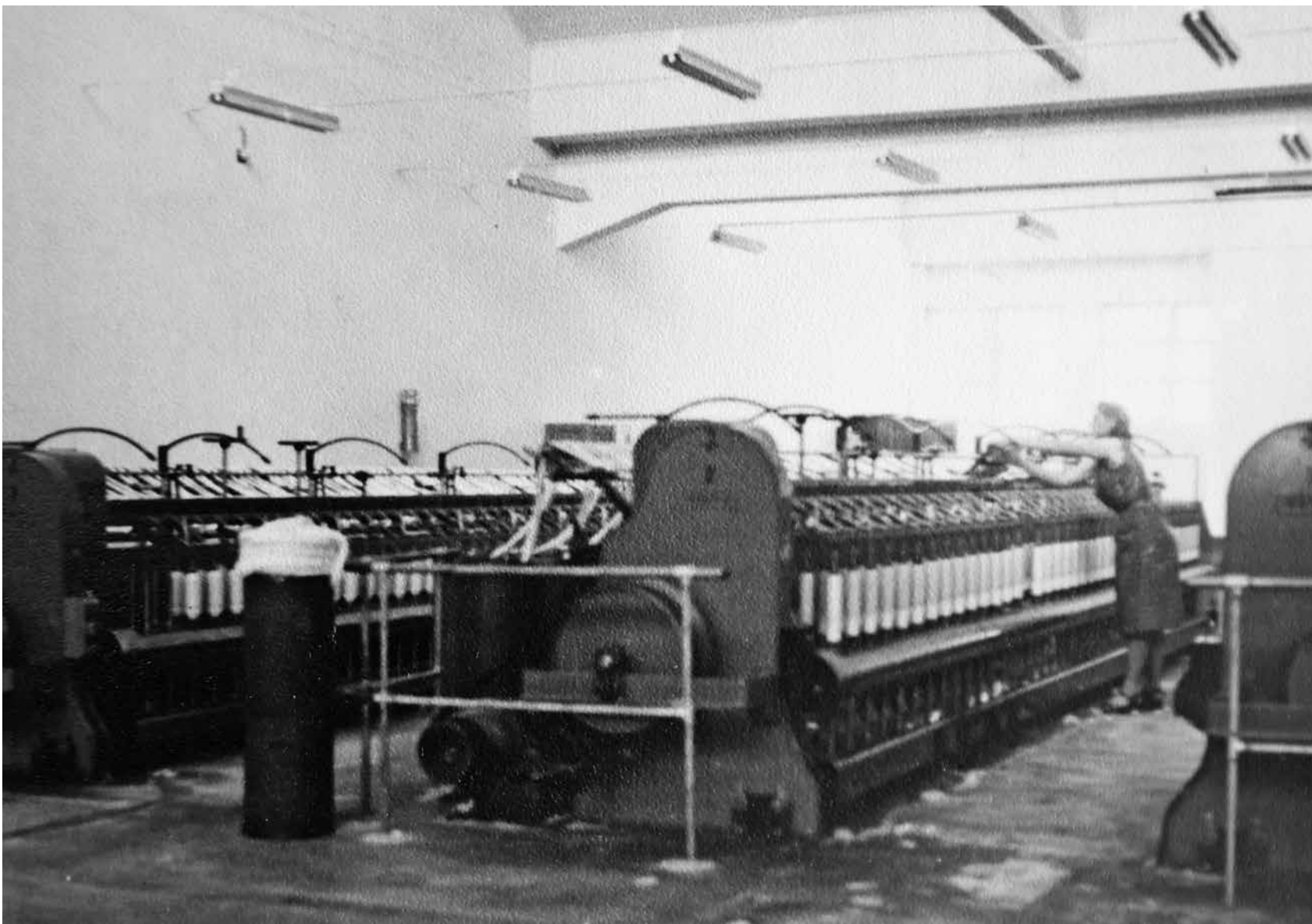
Assim que o fornecimento de energia foi razoavelmente regularizado, os testes foram retomados, utilizando algodão emprestado da firma de Carlos Renaux. Acertar o produto foi um novo desafio, que começou a ser resolvido com a chegada de algodão do Norte do País, de melhor qualidade. Enquanto isso, a área comercial já prospectava clientes. O clima era de otimismo, conforme observado no Livro de Reuniões da FSB, no balanço do primeiro mês de operação, em 30 de abril de 1951:

“O presidente informou que, não levando em conta pequenas falhas, motivadas pela falta de peças, engrenagens e outros motivos que se apresentam geralmente nas indústrias novas e no início das atividades, a produção do corrente mês poderá

ser considerada normal. Continuamos com inúmeras consultas de tecelagens e malharias que nos querem confiar pedidos, de modo que toda nossa produção acha-se colocada. Com referência à qualidade de nossos fios, disse o presidente (Otto Eduardo Lepper), nada deixa a desejar, pois as experiências efetuadas nas diferentes indústrias demonstraram que o novo fio pode competir com o produto das melhores fiações”

Presente desde esse primeiro momento, o diretor Horst Maul detalha a estrutura física no início da operação:

“Começamos a produzir com uma máquina, duas máquinas, três máquinas... e assim foi crescendo gradativamente. Quando se completou essa primeira fase, nós tínhamos, na época, 13 filatórios. Esse foi o início, em 1951, quando concluímos a montagem. Tínhamos, se não estou enganado, quatro maçarqueiras, quatro passadores.”



Máquinas em teste e início de produção, em 1950 -
Filatórios, maçarqueiras, meadeiras, cardas e passadeiras

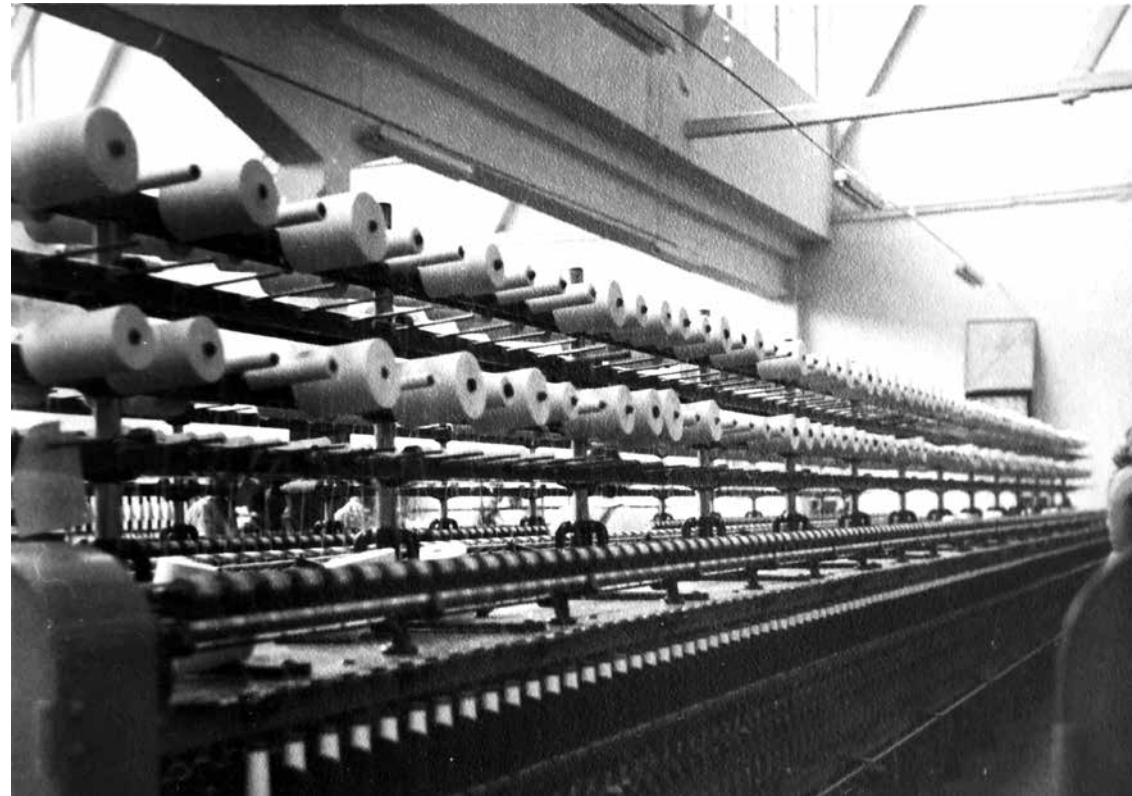
Em um primeiro momento, o principal cliente era a própria Cia Fabril Lepper, seguida pela Tricotagem Alfredo Marquardt, situada na rua São Paulo, em Joinville, que também era acionista da FSB. Aos poucos vieram tecelagens de Indaial, Blumenau, Jaraguá do Sul e demais municípios de Santa Catarina. Posteriormente foram abertas representações comerciais em São Paulo e Rio de Janeiro, o que levou os produtos da FSB a praticamente todos os estados brasileiros. O mercado catarinense, porém, foi – e continua a ser – o foco de atuação.

À medida que os pedidos de clientes aumentavam, surgiam novas necessidades. Assim, já em 1952, era hora de pensar em contratar mais gente, fazer dois turnos de trabalho, ampliar



a produção – o que também diluiria os custos. “Em virtude do grande volume de pedidos que já temos registrados para execução e mesmo a fim de dar à nossa indústria a necessária margem de lucro, já que as despesas gerais diminuem consideravelmente no trabalho em duas turmas, é de opinião de que devemos nos esforçar a fim de conseguir os operários necessários para este fim”, afirmava Otto Eduardo Lepper.

Assim, em fevereiro de 1953 foi organizada a terceira turma de produção. Nestes tempos, os contramestres eram Rolf Mettegang, Antonio Pereira, Bertoldo Schneider, todos sob a coordenação técnica de João Weilemann.



INVESTIMENTOS NA INFRAESTRUTURA LOCAL

No início da década de 1950, o bairro Serra Alta, em São Bento do Sul, era um pequeno vilarejo com poucos moradores e estabelecimentos, um local de passagem que vivia em torno do movimento da estação ferroviária.

Não confundir a localidade com o próprio município de São Bento que, por um breve período, de dezembro de 1943 a dezembro de 1948, por força de um decreto-lei estadual, também foi denominado “Serra Alta”.

A fundação da Fiação São Bento começou a mudar isto. A empresa precisou trazer de outros bairros e municípios os funcionários que trabalhariam no local. Mas no início não havia nem meios de transporte, nem habitação disponível para eles.

O investimento nesta infraestrutura foi o início de algumas das grandes marcas da FSB ao longo destes 75 anos de atividades: a valorização das pessoas, a parceria com a comunidade e o desenvolvimento da localidade onde está inserida.

A empresa, a princípio, chamou os filhos e parentes dos poucos funcionários já contratados. Isto, porém, foi insuficiente. Então foi buscar os trabalhadores fora do bairro e da cidade e, para abrigá-los, determinou o aluguel de todas as casas disponíveis nas redondezas da fábrica. Também organizou uma linha de ônibus do bairro Oxford à estação de Serra Alta, viabilizando o acesso dos operários. No final de 1951, os gestores da Fiação já registravam no Livro de Reuniões:

“A fim de melhor aproveitar o maquinário e vender as encomendas que vem aumentando, devem iniciar a partir de janeiro a segunda turma de serviços. Para isto é preciso contratar o pessoal e como é difícil contratar nas proximidades da fábrica, o meio mais prático é organizar uma linha de ônibus para transportar o pessoal da cidade ao local de trabalho. E alugar todas as casas nas proximidades da fábrica para ‘localizar’ cada vez maior número de operários.”

Horst Maul lembra que uma caminhonete com um “chofer” buscava os funcionários na cidade. “Quando começamos com o terceiro turno, à noite, fomos buscar pessoas em uma vilazinha a aproximadamente 15 a 20 quilômetros, a localidade de Rio Mandioca. Também vinha o pessoal do Rio Vermelho e das redondezas, de bicicleta...”, lembra.

A Fiação também adquiriu terrenos ao redor da fábrica e, ao longo dos anos, chegou a construir mais de 20 casas para acomodar o pessoal. Com o tempo, foram surgindo loteamentos particulares no bairro e os trabalhadores, cada vez mais, passaram a residir nas proximidades.

Assim, gradativamente, o bairro Serra Alta foi crescendo e se estruturando. Agora, não mais em torno da antiga estação de trem, mas em função da principal empresa do local: a Fiação São Bento.

SEM ENERGIA, SEM PRODUÇÃO

Os avanços da Fiação São Bento, porém, eram contidos pelas dificuldades em obter um fornecimento regular, confiável, de energia elétrica. O problema não era só da empresa ou do município de São Bento do Sul. As indústrias de toda Santa Catarina viviam o mesmo drama no início da década de 1950, mas para um empreendimento que estava começando do zero e precisava produzir para fazer frente ao grande volume de investimentos, a situação era especialmente difícil. E foi se agravando a ponto de, em momentos pontuais, interromper a produção.

No primeiro semestre de 1951, em função da forte estiagem no estado (especialmente na região de Blumenau, grande fornecedora para Santa Catarina), a Empresul determinou um racionamento de energia no setor industrial. Na prática, as empresas só contariam com o serviço durante cinco horas diárias, o que freou a economia no estado.

No caso da FSB, a medida obrigou a redução da produção e, conseqüentemente, dificultou a entrega dos pedidos, que começavam a aumentar. Qualquer acréscimo no número de horas de trabalho ou plano de expansão tinham que passar pelo crivo da concessionária de energia elétrica, que, no final das contas, diria se haveria energia para a operação ou não.

Não havia previsão de melhorias na situação e a saída para garantir a continuidade dos trabalhos foi adquirir mais conjuntos de geradores “Diesel”. Com isto, houve a necessidade de mais obras e despesas para construir casas de máquina para acomodar os equipamentos, de-

pósitos para o combustível, instalação de para-raios, entre outras providências.

Uma forma de driblar o racionamento foi a obtenção de autorização para o trabalho noturno, totalizando 45 horas semanais. “Este novo programa de racionamento, sei bem que não resolve nosso problema, mas vem favorecer-nos bastante, pois permite aumentar a nossa produção já bastante reduzida em função do racionamento”, explicava o presidente Otto Eduardo Lepper naqueles dias turbulentos.

Apesar dos cuidados, o uso de geradores ocasionou um grave acidente em julho de 1952, que felizmente não deixou vítimas, apenas danos materiais, conforme consta nos registros da empresa:

“No dia 30 de julho, quando todos os motores estavam trabalhando normalmente, tendo sido controlada minutos antes a temperatura, o suprimento de óleo e água, o conjunto MWM, explodiu com um forte estouro, ao mesmo tempo em que peças de ferro e aço voaram pelos ares, a água da circulação, misturado a óleo combustível e lubrificante se espalharam dentro da casa de máquinas. Ficou completamente avariado. O maquinista parou imediatamente a máquina, verificando que a avaria sofrida pelo motor foi de tal monta que não poderia mais ser movimentada.”

Contatados, os representantes do fabricante verificaram a falha no equipamento, ou

seja, “por deficiência de material, quebrou-se o pino do pistão, ocasionando com esta fratura a quebra da biela, do comando de válvulas e das camisas, como também do bloco do motor”.

O desalento com o acidente foi grande. O racionamento de energia, as faltas ao trabalho noturno (algo que não fazia parte da cultura dos trabalhadores da região) e até a alta no preço da matéria-prima, o algodão, no mercado nacional também fizeram com que estes primeiros anos fossem desafiadores, como indicam as anotações no Livro de Reuniões:

“Em função do racionamento, a produção caiu sensivelmente e, considerando as faltas ao trabalho noturno, a situação é deveras delicada. Contando com um estoque de algodão a preços altos, em comparação às atuais cotações e à baixa dos preços dos fios, é de prever um resultado pouco vantajoso nesta época de trabalho. As nossas previsões foram totalmente contrariadas, pois contando com um fornecimento normal de energia elétrica e forçando-nos em organizar a segunda turma de trabalho, os estoques de algodão de que dispúnhamos seriam completamente consumidos nesses dois últimos meses, permitindo-nos a venda do produto pronto aos preços vigorantes nessa época e que nos dariam certa margem de lucros.”

As dificuldades iniciais, porém, não arrefeceram o ânimo de quem estava determinado a construir uma grande empresa. Pouco a pouco, a Fiação São Bento foi superando os obstáculos,

equacionando os problemas e se firmando no setor têxtil catarinense.

HORST MAUL, UMA VIDA NA FSB

No início da operação, chegaram à Fiação São Bento algumas pessoas fundamentais na história da empresa. João Weilemann, como já contamos, foi o primeiro funcionário contratado para a área técnica. Ele coordenou a montagem, o início da operação e a gradativa expansão das atividades operacionais nestes anos pioneiros.

João Theodoro Meinert era diretor da Lepper, foi indicado pelo presidente Otto Eduardo Lepper para atuar também na implantação da Fiação e comandou este período inicial. Erich Bueckmann era presidente da Renaux e representante do grupo na FSB. Com vasta experiência no setor de fiação, não só fazia parte da diretoria como orientava a área técnica e a aquisição de equipamentos.

Na área administrativa, logo chegou Horst Maul, um jovem que havia ingressado na Cia Fabril Lepper em março de 1945, aos 15 anos, como estafeta (*office boy*), foi faturista (o profissional que emite notas fiscais, calcula impostos, entre outras atribuições), e em janeiro de 1951 subiu a Serra Dona Francisca para atuar na Fiação São Bento, que em poucos meses começaria efetivamente a operação. Em 1º de outubro daquele ano, Seu Horst, como é chamado, foi contratado como guarda-livros (o atual contador). Posteriormente foi chefe de escritório e gerente

geral da empresa, e em 1984 foi eleito diretor.

Algum tempo depois, ingressou também na fábrica Yolanda Maul, esposa de Horst, que durante anos foi responsável, entre muitas coisas, pela contabilidade, pelo caixa e pela anotação das atas de reuniões, um registro seguro da história do dia a dia da organização.

Em mais de 70 anos na empresa, Horst Maul é uma das personalidades mais conhecidas, respeitadas e admiradas por todos os funcionários e pela comunidade de São Bento do Sul, onde participa ativamente e chegou a ser vereador.

No início da década de 1950, Horst estava no último ano do curso técnico em Contabilidade no Colégio Bom Jesus, em Joinville, e soube que estavam buscando um profissional para a recém-criada Fiação São Bento. Procurou João Theodoro Meinert, que acumulava os cargos de sócio-gerente da Cia Fabril Lepper e da FSB, e se colocou à disposição.

Só havia um problema: o rapaz ainda precisava concluir os estudos em Joinville. A saída encontrada foi se dividir entre as duas cidades até a formatura. E em outubro de 1951 ele se transferiu definitivamente para a FSB, já como guarda-livros. Em 2022, aos 93 anos e ainda na ativa, comparecendo à empresa todos os dias, ele conta como foi esse início:

“Comecei a acompanhar a montagem. Em 1951 foi justamente quando começamos a admitir funcionários para iniciar a produção. Até então, estávamos na fase de construção e ainda não tínhamos funcionários. Comecei a administrar esta fase de ad-

missão, de contratação, seleção. Também a parte de contatos com bancos, compra de material e tudo mais. Não tinha faturamento ainda, mas tinha que administrar a Fiação. Então comecei automaticamente a tomar a iniciativa de administrar os serviços aqui. A princípio, quem fazia isso era o senhor Ervino Schumacher. Mas os trabalhos evoluíram e ele não tinha mais como fazer, pois era proprietário da Klinger. Então eu vinha para cá, trabalhava dois, três dias, dependendo da necessidade, e tomava conta disso.”

Em uma empresa que está começando, os profissionais fazem de tudo um pouco, o que acaba proporcionando oportunidades únicas. Assim, Horst também mantinha contatos com os acionistas e auxiliava diretamente o presidente Otto Eduardo Lepper e o diretor João Theodoro Meinert. Com isso, firmou-se como a pessoa de confiança da Lepper na Fiação. “Eu representava a Fiação em São Bento. Por exemplo, o senhor João Theodoro Meinert vinha um dia, normalmente às quintas-feiras, e de tarde voltava para Joinville. No restante dos dias, eu era responsável”, explica ele, que ao longo de mais de sete décadas se consolidou como o rosto da Fiação em São Bento.

Daquela época, Seu Horst lembra de pessoas e fatos marcantes. Em 1952, com a decisão de estabelecer dois turnos de trabalho para aumentar a produção, foi preciso nomear dois mestres para a área operacional: Antonio Pereira e Rolf Mettegang, um para cada turno.

“Essas pessoas foram fundamentais. Elas conheciam o processo, tinham bastante experiência e conhecimento em fiação. O senhor Weilemann veio para São Bento do Sul e trouxe consigo um cunhado, que era bem jovem ainda, Antonio Pereira, que havia começado em Brusque, na Renaux. Depois o senhor Bueckmann mandou ele para cá. O senhor Rolf Mettegang veio da Alemanha e se formou técnico têxtil em Brusque. Mettegang, Weileman e o Antonio Pereira foram os pilares nesse início. Junto, havia um eletricista, Ralf Stoitner, que conhecia a parte elétrica do maquinário da fiação. Havia ainda os diferentes mecânicos e eletricistas que também vieram de Itajaí e Brusque. Aqui eu procurava, anunciava, tinha contatos.

No começo, o que a gente mais sentiu foi a dificuldade para trazer o pessoal para trabalhar. Aqui ninguém entendia nada de equipamento de fiação – e nem podia, era algo totalmente novo na região. Mas isso foi sendo superado aos poucos, a medida em que as máquinas foram sendo montadas. Primeiro só tinha os mecânicos e eletricistas e praticamente todos eles ficaram acompanhando e ensinaram o pessoal aqui de São Bento”, relembra Horst Maul.”

Ele conta que no início da década de 1950, o bairro Serra Alta era bem pequeno, com poucos moradores e casas espalhadas. Empresa de maior porte, só existia a Fiação.

“Tinha uma pensão onde o nosso pessoal ficou no começo. O sr. João Weilemann morava do lado, em uma casa alugada pela Fiação – ele, a esposa e o cunhado bem moço.”

Havia, é claro, a Estação Ferroviária de Serra Alta, um dos fatores decisivos para a escolha do local da Fiação São Bento, pois possibilitaria agilidade e economia no recebimento de matéria-prima e no despacho de produtos. Na prática, porém, ela não foi muito utilizada. “Acho que nós recebemos uma ou duas cargas de algodão. Só. E fizemos alguns despachos de trem, em momentos de necessidade urgente – eles, porém, não davam uma carga”, revela Horst Maul.

A matéria-prima para a Fiação era nacional e Maul explica que no início ela vinha do Paraná, que chegou a ser um grande produtor de algodão do Brasil, alavancado pelas cooperativas locais. Porém, as características geográficas da região, com terreno ondulado, dificultavam a mecanização da produção. Havia também a questão das geadas. Assim, gradativamente a produção foi migrando para o Mato Grosso. Também se comprava algodão do interior de Pernambuco e de São Paulo, mas muitas vezes vindo de outras regiões.

“O algodão no Paraná era plantado mais cedo e já tínhamos a primeira colheita a partir de fevereiro, março. Em São Paulo e mais para o Norte, a colheita era sempre mais a partir de maio. E depois, quando começou em Mato Grosso, junho e julho. Com isto, a disponibilidade aumentava cada vez mais”, explica.

Desde o início, o transporte foi realizado por via rodoviária. A mesma empresa que levou as máquinas de Joinville, serra acima, para São Bento do Sul, ainda hoje, em 2023, faz praticamente todo o transporte da Fiação São Bento. Na época, o responsável era Luiz Habowski e atualmente é a Transportadora Habowski. “Luiz Habowski fez o transporte das primeiras máquinas para cá e continua até hoje. Agora já são seus netos...”, conta Seu Horst.

A longa relação comercial com a Transportadora Habowski revela uma das características mais marcantes da Fiação São Bento: o cultivo de vínculos sólidos, duradouros, tanto com parceiros quanto entre os funcionários.

Horst Maul é talvez o principal exemplo deste vínculo entre empresa e funcionário. O jovem que começou no Grupo Lepper como estafeta encontrou oportunidades para se desenvolver como profissional – e cresceu. No início da gestão de José Henrique Carneiro Loyola, em 1972, ele já estava no grupo há mais de duas décadas e na reestruturação das chefias e diretoria foi promovido a gerente Financeiro, como veremos mais adiante. Logo depois, em maio de 1975, foi criado o cargo de gerente geral e Horst Maul foi novamente promovido.

A partir daquele momento, ele passou a ter ascendência sobre todos os setores da empresa (não só sobre as áreas Administrativa e Financeira) e passou a se deslocar semanalmente a Joinville, para despachar diretamente com o presidente Loyola. E quando, alguns anos depois, Loyola precisou de um homem de confiança para o grupo, Horst desceu a serra e se dividiu entre Joinville e São Bento do Sul para dar conta das duas missões.

A figura dele também se consolidou na comunidade de São Bento do Sul e em 1972 foi eleito vereador. Nesta mesma eleição, outro funcionário, Arnaldo Harms, foi escolhido vice-prefeito da cidade.

CAPÍTULO 4

Os primeiros 20 anos

As duas primeiras décadas da Fiação São Bento foram um período de crescente estruturação para acompanhar as demandas que se apresentavam a cada dia. Elas eram muitas e extrapolavam a produção.

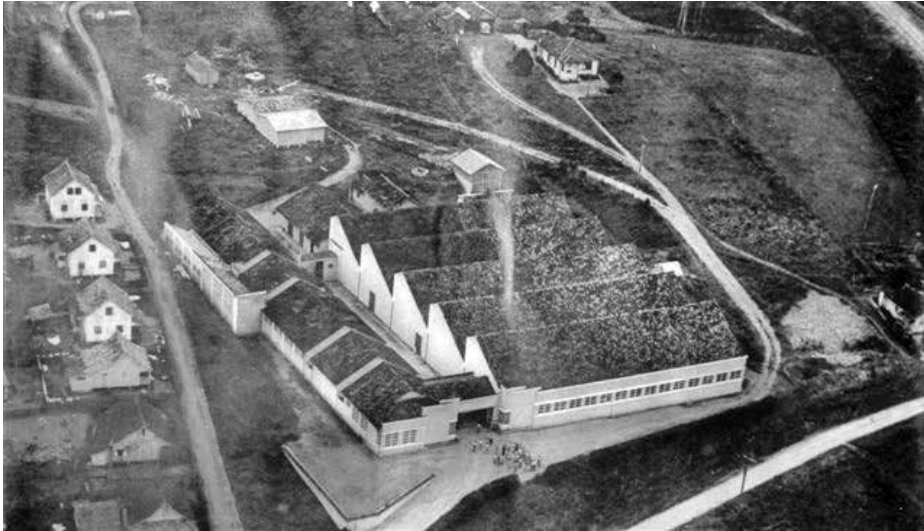
Ainda em 1953, com a fábrica operando a todo vapor, os contramestres observaram que os funcionários vinham de longe e precisavam de assistência. Era necessário cuidar do pessoal, garantir bem-estar e segurança – uma prática recorrente ao longo destes 75 anos de história. Assim, a partir daquele ano a empresa passou a oferecer um lanche no início de cada turno. No ano seguinte, foi constatado que algumas vezes as moças ficavam com os vestidos presos nas máquinas, o que poderia ocasionar acidentes durante o trabalho. Para prevenir, a FSB passou a fornecer macacões e uniformizou as vestimentas do pessoal.

Naqueles tempos, as opções de lazer eram restritas na região e as indústrias tentavam suprir esta carência estruturando recreativas e incentivando a prática desportiva. Ainda em 1953, os próprios funcionários se mobilizaram para a criação de um time de futebol na Fiação São Bento. A empresa entendeu que a iniciativa contribuía não só para o lazer dos trabalha-

dores, mas também para criar (e depois fortalecer) o espírito de equipe tão necessário para o grupo, e apoiou a iniciativa, fornecendo os uniformes e acessórios. Ao longo do tempo, e com a criação do Grefisa em 1978, este time de futebol e as atividades esportivas foram destaque em torneios da região e renderam dezenas de troféus que atualmente estão orgulhosamente preservados no Museu da Fiação, anexo à empresa.

As melhorias também abrangiam o bairro Serra Alta, onde os trabalhadores circulavam e começavam a fixar residência. Por volta de 1954, foram registrados casos de assalto a moças que deixavam a fábrica após às 22 horas. Ainda com poucos moradores e com apenas uma indústria que funcionava em horário noturno, o local era ermo e escuro. Era preciso fazer algo e a Fiação dirigiu um requerimento à Prefeitura de São Bento do Sul solicitando a implantação da iluminação pública, o que aumentou a segurança no local.

O bairro continuava a crescer ao redor da fábrica, com a construção de mais casas para abrigar os operários. Em maio de 1955, por exemplo, a diretoria registrava no Livro de Reuniões a “compra de terreno na Estrada dos Banhados, nas imediações da fábrica, com 16 metros de frente, de Edith Schneider, confrontado-se aos fundos com o terreno de Ervino Wischral, com 20 metros, área de 810m², para a necessidade de construir mais casas para os operários.” Ao longo dos meses e do ano seguinte, várias residências foram erguidas, o que proporcionou a melhor acomodação dos operários da fábrica.



Vista aérea do parque
fabril em 1954



Vista aérea do parque
fabril em 1957



Primeira ampliação do
parque fabril, em 1959



Bairro Serra Alta em 1959,
com a fábrica ao fundo

A FÁBRICA SE EXPANDE AOS POUÇOS

A unidade fabril foi crescendo aos poucos, a medida em que necessidades pontuais surgiam. Uma ampliação aqui para o depósito de algodão feita pelos próprios pedreiros e marceneiros, um novo espaço para guardar os combustíveis ali.

Havia questões externas que desafiavam os administradores, como a alta inflação no Brasil, que chegou a acumular mais de 450% nos anos de 1950, o dobro da década anterior, que já havia sofrido com a Segunda Guerra Mundial. Havia ainda uma oscilação nos preços no mercado de algodão (a matéria-prima da empresa), o racionamento de energia elétrica e problemas tanto no maquinário quanto nas relações trabalhistas, pois ainda não havia o hábito, por exemplo, de trabalhar à noite ou nos fins de semana, como a nova empresa demandava.

Desde aquela época, entretanto, os diretores da FSB verificavam que a conjuntura do setor têxtil exigia uma ampliação do parque fabril. Em 1954, com o incentivo à industrialização, estavam surgindo novas tecelagens e outras estavam sendo ampliadas. O mercado brasileiro começava a oferecer teares nacionais a valores competitivos e à pronta-entrega, o que estimulava as empresas do setor.

Havia, entretanto, uma escassez generalizada de fios de qualidade para atender a estes clientes, pois as fiações do país, de um modo geral, não estavam seguindo o mesmo ritmo.

Além disso, as comunicações davam sinais de melhoria. A Cia Telefônica Catarinense conseguiu concessão para instalação de telefones automáticos em São Bento do Sul e logo foi soli-

citada a reserva de um aparelho para facilitar a comunicação com Joinville.

Uma análise criteriosa desta nova realidade, não deixava dúvidas: era uma oportunidade para a Fiação São Bento crescer, como registrado no Livro de Reuniões da empresa, em 1954:

“Elaboramos um plano para o aumento da indústria. O projeto ocorre porque a atual produção não é suficiente para atender aos clientes e poderia ser melhor aproveitado o maquinário. A produção aumentada poderá ser vendida com o mesmo pessoal técnico e administrativo, o que significa economia nas despesas gerais.”

Um plano de ampliação foi elaborado pelos técnicos sob supervisão de Erich Bueckmann e apresentado aos acionistas. Ele incluía a aquisição de maquinário (cardas, passadeiras, maço-roqueiras, filatórios, retorcedeiras, binadeiras e conicaleiras) e a criação de uma área de aproveitamento de resíduos. Para isto, seria preciso construir uma área de 1.200 m². Era um sonho que ainda levaria alguns anos para se realizar.

A aquisição dos equipamentos foi impedida pelas dificuldades cambiais e alguns meses depois surgiu a possibilidade de obter máquinas *Whitin* usadas, porém mais modernas e em bom estado. A validação destes equipamentos exigia constantes viagens do técnico João Weilemann, que avaliava pessoalmente as condições deles. Enquanto isso, ampliações constantes continuavam a ser realizadas para acomodar os novos equipamentos e adaptar a fábrica às novas necessidades.

A inflação alta foi um dos grandes vilões da economia na década de 1950, impactando no aumento dos insumos e da mão de obra. Ao mesmo tempo, era difícil repassar estes custos para o cliente, que também sofria com a crise generalizada no País.

Cada reajuste de preços era motivo de discussões e estudos na diretoria – e olhava-se ao redor, para os parceiros e concorrentes. Mas não havia muito o que fazer. A firma Carlos Renaux teve que aumentar o preço dos fios, assim como a Fiação Colin/Lepper, e as demais empresas do setor seguiram o fluxo, inclusive a FSB.

Havia também outros imprevistos, como um surto de malária que atingiu a região e provocou grande número de faltas ao trabalho, e a ameaça de mais um racionamento de energia elétrica – um fantasma desde o início das atividades.

Nesta hora os avanços na administração da produção mostraram-se fundamentais. Foram organizados sistemas para o controle dos filatórios para saber exatamente quanto cada máquina produzia. E em 1958, foi adotado um sistema de contabilidade mecanizada, *Fronde-Feed*, com o objetivo de acabar com a contabilidade manual e modernizar o processo.

ENTRA EM CENA A SEGUNDA GERAÇÃO

O final dos anos de 1950 foi um momento de reestruturação interna. Em agosto de 1957, pela primeira vez desde o início das atividades da Fiação São Bento, o presidente e fundador

Otto Eduardo Lepper não compareceu à reunião rotineira dos gestores, realizada ao final de cada mês. Estava acamado e, em um primeiro momento, achou-se que era devido a uma forte gripe. Em seu lugar, por procuração, assumiram Otto Lepper Jr. e Ingvald Marquardt, que passaram a assinar em conjunto com o diretor-gerente, João Theodoro Meinert.

O que parecia provisório, entretanto, se prolongou. Ainda naquele mês era revelado que Otto Eduardo Lepper padecia de grave enfermidade. Ele permaneceu acamado, com adiantada esclerose cerebral, o que impedia a concentração de pensamentos e de expressão. Com isso, João Theodoro Meinert assumiu provisoriamente os trabalhos, com a colaboração dos procuradores nomeados.

Com o passar do tempo, foi constatado que o presidente afastado não mais voltaria às suas funções e era necessário eleger uma nova diretoria. Meinert, então, sugeriu uma nova configuração, com a ampliação do quadro de diretores para atender às crescentes exigências da empresa. A diretoria, então, passou a ser composta de quatro integrantes: diretor-presidente, diretor vice-presidente, diretor-gerente e diretor-adjunto.

A necessidade de mudanças foi assim justificada na assembleia geral de 20 de fevereiro de 1958.

“Tendo em vista o afastamento do sr. Otto Eduardo Lepper do cargo de diretor-presidente, em virtude da grave enfermidade que o atacou e que impede ao mesmo

de exercer as suas funções, torna-se necessária a substituição do referido senhor no cargo para o qual fora eleito. A diretoria lamenta profundamente ser obrigada a tomar esta iniciativa, pois o sr. Otto Eduardo Lepper é um dos organizadores e fundadores da firma e, durante o relativo curto espaço de existência, soube firmá-la na estima e consideração geral. Dotado de espírito empreendedor e largo tino comercial, conseguiu firmar a sociedade financeiramente e ampliar o parque industrial, oferecendo aos senhores acionistas um real patrimônio. Formulamos votos para que a moléstia seja superada e que o sr. Otto Eduardo Lepper possa novamente prestar a sua colaboração na direção desta firma, que sempre mereceu especial atenção, representando seu orgulho e aprazimento.”

A justificativa e proposta de ampliação foi aceita por unanimidade e na assembleia de 20 de fevereiro de 1958 uma nova diretoria, eleita para quatro anos, assumiu a Fiação São Bento:

- Otto Lepper Jr. – diretor-presidente
- Dr. Erich W. Bueckmann – diretor vice-presidente
- Attila Urban – diretor-adjunto
- João Theodoro Meinert – diretor-gerente



Otto Lepper Jr



Erich Bueckmann

Com a presença de Otto Lepper Júnior, Erich Bueckmann e Átila Urban (genro de Otto Eduardo Lepper, casado com sua filha Ilse), encerrava-se uma primeira fase na construção da empresa e entrava em cena oficialmente a segunda geração de acionistas à frente da FSB.

Otto Eduardo Lepper nunca se recuperou e faleceu em 21 de janeiro de 1960, cerca de dois anos depois desta assembleia decisiva. Em sua homenagem, a partir de abril de 1960, a Estrada dos Banhados, endereço da sede da Fiação São Bento, passou a se chamar Rua Otto Eduardo Lepper.

AVANÇOS NA ESTRUTURAÇÃO INTERNA E NA ASSISTÊNCIA AOS FUNCIONÁRIOS

Na década de 1960, a Fiação São Bento já mantinha expressiva carteira de clientes em Santa Catarina e se mantinha em movimento para atender a demanda. O crescimento da área física ocorria gradativamente. Ampliava aqui, adquiria mais equipamentos ali, sempre se adaptando ao mercado. Havia uma crescente demanda por fios retorcidos? Então era preciso investir em retorceiras e binadeiras para melhor atender ao cliente.

Ao mesmo tempo, as dificuldades de importação e aquisição de máquinas e equipamentos novos no País continuava e muitas e muitas vezes, João Weilemann precisou viajar a São Paulo para avaliar a oferta de equipamentos usados. Ele e sua equipe também se empenhavam

na constante manutenção do maquinário, que a esta altura já tinha dez anos de uso. Quando havia falta de peças no mercado nacional (algo comum), a saída era encomendá-las em oficinas particulares ou usar a criatividade. Em uma ocasião, por exemplo, o contramestre Antonio Pereira fez uma experiência, substituindo os gira-fios de aço de uma binadeira por cilindros de baquelite, o que possibilitou voltar a aproveitar a máquina completamente, sem substituir todas as guias por um novo sistema.

A estruturação interna também avançou ao longo dos anos de 1960, com a alteração dos estatutos internos para dar mais autonomia à diretoria. Em 1962 pela primeira vez foi organizado um regulamento interno, com instruções ao pessoal da fábrica, e, tempos depois, uma biblioteca de livros técnicos, em um armário especial. Um jornal interno também passou a circular a partir de 1965, garantindo que informações sobre a empresa fossem compartilhadas e gerando alinhamento entre seus integrantes.

Em 1966, uma parceria com a Cia Boa Vista de Seguros garantiu a instalação de um ambulatório completo dentro da empresa, uma necessidade antiga e que permitiu ampliar o atendimento aos funcionários.

O avanço da tecnologia também ajudava e a contratação de um plano de contabilidade dos estoques com a Organização Ruff permitiu a melhor gestão desta área. O sistema Ruff era o que tinha de mais moderno em contabilidade na época e permitia começar a migração dos registros manuais para uma contabilidade mecanizada.

A EMPRESA CRESCE, TODA A COMUNIDADE É BENEFICIADA

O desenvolvimento da Fiação São Bento alavancou a região do bairro Serra Alta e arredores. Aos poucos a empresa comprou vários lotes ao redor da fábrica, tanto para a construção de casas para seus funcionários, como já vimos anteriormente, quanto para ampliar a sua estrutura física.

No final da década de 1950, por exemplo, foi adquirido um lote nos fundos do terreno para permitir o fácil acesso à estrada São Bento/Corupá e construída uma plataforma para facilitar a chegada e manobra de caminhões. A Estrada São Bento/Corupá, estadual, foi melhorada e o terreno da empresa que faz limite com a rodovia e a princípio era acidentado, foi aplainado. Um pouco mais tarde, já em 1962, foi feito o alinhamento, o que possibilitou a colocação de uma cerca e a construção de uma entrada no parque fabril.

A pedido da FSB, a Prefeitura de São Bento do Sul investiu em infraestrutura no bairro Serra Alta, com o nivelamento e alargamento da Estrada dos Banhados em frente à fábrica e a canalização das águas pluviais. Um acordo com a Rede Ferroviária também permitiu a vazão natural das águas pelo seu terreno e, em contrapartida, a Fiação forneceu água potável de seus poços à estação de trem e às casas pertencentes à rede.

Escritório administrativo
em 1970



A parceria com a comunidade foi muito exercitada nestes primeiros vinte anos de atividades e começou a se consolidar como uma marca da empresa. Em 1959, foi realizado um levantamento dos terrenos da organização, reservando um lote para ser cedido à Igreja Católica, para a construção de uma capela. Já naquela época se previa que a escritura deveria ser lavrada em cartório, o que só foi efetuado na década de 1970, já sob a gestão de José Henrique Carneiro de Loyola. A capela é hoje a Igreja Matriz São José, na rua Otto Eduardo Lepper.

Um pouco depois, no final de 1961, a FSB também adquiriu um terreno de 6,5 mil m² na estrada da estação ferroviária, que foi cedido ao clube de futebol organizado pelos funcionários, estimulando, assim, a prática desportiva. Este terreno atualmente integra a área doada para a construção do Caic e o prédio do Senai, como veremos mais adiante.

O clube, aliás, era um orgulho não só para a Fiação, mas para a comunidade. Em 22 de setembro de 1964, a inauguração de uma exposição industrial marcou o aniversário de 91 anos de São Bento do Sul. A FSB participou não só da exposição, mas também do desfile pela cidade, onde se destacaram o clube de futebol e o recém-criado Corpo de Bombeiros da Fiação São Bento.



Evento comemorativo no
centro de São Bento do
Sul, em 1961



Participação na Fapi em
1973, no centenário de São
Bento do Sul



Desfile cívico dos bombeiros da FSB no centro de São Bento do Sul, em 1964



Equipe de jogadores de futebol da Associação
Atlética Fiação São Bento, em 1965

UMA INESPERADA TRANSIÇÃO

Sob o comando de Otto Lepper Jr., a Fiação São Bento continuou a crescer e se estruturar, apesar da instável conjuntura econômica brasileira, que gerava oscilações de mercado e incertezas no setor têxtil. Grandes empresas passavam por dificuldades, inclusive a própria Cia Fabril Lepper, uma das principais acionistas da FSB, e os casos de inadimplência entre os clientes se multiplicavam.

Em 19 agosto de 1967, porém, um fato inesperado aconteceu: a morte do presidente Otto Lepper Jr.. Em luto, a Fiação paralisou as atividades por um dia, em 20 de agosto, e uma semana depois Luiz Borck foi eleito pelo Conselho Fiscal para assumir provisoriamente a presidência da empresa, iniciando o que se revelou um longo período de transição.

A assembleia de acionistas para a definição da nova diretoria ocorreu alguns meses depois, em abril de 1968, e Erich Bueckmann, representante da Renaux, assumiu como diretor-presidente da Fiação São Bento. A esta altura, Átila Urban já estava definido como diretor-presidente da Lepper, cargo que também ficou vago com a morte de Otto Lepper Jr.º

A nova diretoria ficou assim composta:

- Diretor-presidente: Dr. Erich W. Bueckmann
- Diretor vice-presidente: Geraldino Jung
- Diretor-gerente: João Theodoro Meinert
- Diretor-adjunto: Luiz Borck

Desafios não faltavam e Erich Bueckmann, que estava presente desde o início da empresa, conhecia bem a situação. Era preciso resolver a questão da crescente inadimplência, ampliar a clientela e fazer uma renovação real do parque fabril. Com as dificuldades impostas pelo governo às importações, e a restrita produção no mercado interno, a dificuldade para atualização tecnológica era grande. Os técnicos da FSB faziam milagres, é verdade, buscando peças e máquinas usadas, viajando a outros estados para examinar pessoalmente as condições do que era oferecido e selecionando o que podiam, dentro da limitada oferta do mercado. Mas Bueckmann já alertava que a atualização era uma necessidade urgente.

Para ampliar a clientela, a partir de 1965 a FSB organizou um serviço de visitação periódica, a cargo do funcionário Arnaldo Harms. Ele viajava frequentemente por Santa Catarina, conhecia a realidade da freguesia, buscava soluções para as suas demandas e estreitava o relacionamento. No dia a dia, muitas vezes extrapolava as suas funções como representante da FSB e ajudava os clientes no que era possível – especialmente as malharias e tecelagens que estavam começando

as atividades e precisavam encontrar fornecedores confiáveis. Assim, com o passar dos anos, pode-se dizer que a Fiação teve importante papel no crescimento do polo têxtil catarinense.

Ao mesmo tempo, eram realizados estudos constantes para otimizar os processos internos de produção e a gestão. E a empresa não parava de crescer. Em 1968, na gestão de Erich Bueckmann, foi concluída a expansão do espaço fabril. Com isso, a FSB ganhou mais 1.400 m², totalizando 4.500 m², o que se refletiu diretamente na produção, que passou para 150 toneladas/mês.

Já a discussão sobre a inadimplência era mais complicada, especialmente porque as dificuldades atingiam todo o setor têxtil e alguns dos grandes compradores também eram acionistas da Fiação. Em reunião no dia 8 de agosto de 1968 a diretoria discutiu a dívida da Cia Fabril Lepper com a Fiação São Bento, por exemplo. Para resolver a questão delicada, estavam à mesa os presidentes das duas empresas.

Situações como esta perduraram durante alguns anos, geraram divergências entre os associados e culminaram em uma grande renovação na gestão da empresa, no início da década de 1970, com a chegada do empresário José Henrique Carneiro de Loyola a esta história.

Parte 2

A Era Loyola



CAPÍTULO 5

A chegada de Henrique Loyola

O empresário José Henrique Carneiro de Loyola foi eleito presidente da Fiação São Bento em assembleia de acionistas realizada em 28 de abril de 1972. Embora nesta época ele fosse um dos principais executivos da Fabril Lepper (a principal acionista da FSB) e já estivesse implementando uma revolução administrativa na empresa, seu nome ao cargo máximo da Fiação foi uma indicação direta do então diretor-presidente Erich Bueckmann e do Grupo Renaux, o segundo maior acionista da organização.

Em 2022, Loyola completou 50 anos à frente da organização. Neste período imprimiu seu ritmo e visão de trabalho, promovendo o saneamento financeiro necessário para a continuidade dos negócios e a constante atualização tecnológica, além de ampliar ainda mais a presença da Fiação São Bento junto à comunidade na qual está inserida – medidas que possibilitaram a presença da FSB no ranking das 500 Maiores Empresas do Sul do País, de acordo com estudo da Revista Amanhã realizado em 2022. E uma referência em produção de fios de qualidade no País.



Henrique Loyola

A chegada de Henrique Loyola ocorreu em um momento complexo, difícil, da Fiação São Bento. Com pouco mais de 20 anos de atividades, a empresa se ressentia da crise econômica que afetou o setor têxtil (e toda a cadeia produtiva ligada a ele) ao longo da década de 1960, que provocou inadimplência, aumento do custo da matéria-prima e retração nas vendas. O maquinário estava obsoleto e a necessidade de renovação era urgente. Também era preciso modernizar a gestão e a contabilidade para fazer frente aos muitos desafios que o futuro reservava.

Após a morte de Otto Lepper Jr. e a breve passagem de Luiz Borck pela presidência, Erich Bueckmann fez uma gestão de transição. Administrador experiente e engenheiro têxtil com amplo conhecimento da área de fiação, Bueckmann verificou a necessidade de uma reforma administrativa e reorganização interna e buscou ajuda profissional para isso, abrindo caminho para uma nova era na FSB.

Assim, em janeiro de 1972, ele contratou a Ortac Ltda., Organização de Empresas, de Curitiba, que iniciou um mapeamento e diagnóstico com o objetivo de definir as funções dentro da Fiação

(principalmente dos procuradores) e reorganizar as áreas administrativa, comercial, financeira e técnica. Além disso, propôs a redução da diretoria, deixando-a com apenas um presidente e um diretor-gerente.

Bueckmann identificou as questões prioritárias e convocou Henrique Loyola para assumir a empresa e resolvê-las.

Mas por quê Loyola? Contador de formação, ele havia ingressado na Cia Fabril Lepper em julho de 1962, atendendo a um anúncio de emprego publicado no jornal A Notícia, de Joinville. Entrou como auxiliar de Contabilidade, batendo ponto às 7 da manhã, e fazendo o trabalho burocrático para colocar a área contábil em dia. Apesar de ser genro da filha mais velha de Otto Eduardo Lepper, Maria Lepper Fanghaenel, a princípio nem a sogra nem ele detinham ações da empresa – e nem sabiam exatamente se tinham direito a algo.

A morte repentina do contador-chefe da Lepper, a promoção de Loyola a responsável pela Contabilidade e a descoberta das ações de Maria Fanghaenel no fundo de um cofre começaram a mudar esta história. Em pouco tempo, ele conquistou seu lugar na empresa e no início da década de 1970 estava consolidado como diretor-administrativo da Cia Fabril Lepper, promovendo uma revolução administrativa, contábil e operacional na fábrica joinvilense. Uma revolução que garantiu a ampliação e sobrevivência dela até os dias de hoje.

Após o falecimento de Otto Eduardo Lepper, a Cia Fabril Lepper viveu um período difícil, que se prolongou por quase 20 anos e afetou também a relação com a sua empresa-irmã, a

Fiação São Bento. No livro “Lepper, primeiro século”, o historiador Apolinário Ternes resume essa época:

“Em 1959, a situação da empresa continuava muito difícil, com a constatação de várias irregularidades contábeis e fiscais que resultaram em notificação do fisco federal e aplicação de multa. Havia também excesso de retiradas dos sócios, provocando a descapitalização da empresa, que também, naquele momento, estava pagando preço alto pelo fornecimento de fios de algodão provenientes da Fiação São Bento. Tendo completado meio século de vida, as condições gerais eram críticas, tanto na questão administrativa quanto na produção, com débitos bancários e fiscais crescentes. Todas as questões operacionais e administrativas estavam adquirindo contornos mais complexos, em razão da disputa de comando que se estabeleceu entre os sócios controladores.”

No final da década de 1960 e início dos anos 70, a Lepper acumulava dívidas com a sua fornecedora, a Fiação São Bento. Loyola então negociou com os gestores da empresa a consolidação e o parcelamento da dívida, e assumiu o compromisso de manter os pagamentos em dia dali por diante. Os acionistas da Fiação, entretanto, não chegaram a ficar a par disso e continuaram a cobrar a dívida.

No início de 1972, ao ser questionado (e cobrado) sobre o assunto, Loyola foi à assembleia de acionistas. Na véspera, porém, sacou uma de suas agendas, onde anotava em detalhes todos os compromissos que assumia, e esclareceu a situação junto a Erich Bueckmann. Detalhou dia, hora e pormenores do acordo firmado com a FSB e comprovou o pagamento em dia das faturas. Com isso, conquistou a confiança e respeito do então presidente da Fiação São Bento.

O próprio Loyola relata esse episódio decisivo:

“Eu não ia às assembleias da Fiação porque não concordava com os procedimentos nem com a contabilidade – não queria me envolver. Mas acompanhava de longe e tinha absoluta certeza de que a empresa iria à falência se não houvesse uma mudança, por isso resolvi ir a uma assembleia.

Uma hora, um empresário se levantou e disse que tinha uma questão que deveria constar em ata. Disse que a Lepper devia X, como estava no balanço, mas não havia lançamento de juros. Era uma falha e tinha que ser corrigida. E era verdade! Aprovaram o balanço daquele jeito, por maioria, já prevendo o lucro e a participação de cada diretor. Na prática, a assembleia era só para homologar o balanço.

Quando este assunto passou a ser o tema principal da assembleia, me envolveu. O Bueckmann me questionou e eu disse que a questão do pagamento dos dividendos

pela Lepper estava resolvida há mais de um ano. Fiz um acordo com a Fiação São Bento, com o João Theodoro Meinert, e consolidei a dívida. A partir daquela data pagaria a duplicata no vencimento – e se houvesse atraso, com juros. E pagaria os juros atrasados. O que ficou para trás já tinha sido aprovado.

Quanto ao balanço, ele teria que ser corrigido e republicado, e os diretores teriam que devolver o dinheiro que receberam como gratificação. Na véspera, eu havia pego a minha agenda e mostrado para o Bueckmann o acordo que fiz sobre a dívida da Lepper. Ele era uma pessoa séria, competente, que ia para a fábrica às 5 horas da manhã atender os vendedores. Quando voltava para casa para o früstück, já tinha feito o expediente. Então, ele solicitou que eu fizesse uma nova redação e o balanço foi republicado.”

Impressionado, Bueckmann constatou que aquela era a pessoa certa para assumir a Fiação São Bento e promover o salto de modernidade de que ela necessitava.

Algumas semanas depois, em abril de 1972, Loyola estava em seu escritório na Cia Fabril Lepper, em Joinville, quando recebeu um telefonema de Bueckmann:

“Não levou duas semanas, eu estava em meu escritório e tocou o telefone. Era o Dr. Bueckmann, me convidando para um almoço. ‘Seu Loyola, o senhor não poderia ir

na churrascaria, na beira do rio Itajaí, na balsa? O senhor vai daí, eu venho daqui e a gente almoça lá'. A estrada não era asfaltada, tinha a balsa... Mas tá bom, marcamos para o dia seguinte, peguei o meu carro e fui. Cheguei, sentamos e ele disse: 'Seu Loyola, quero que o senhor seja presidente da Fiação.' Expliquei a ele que havia outros integrantes da família Lepper que eram declaradamente candidatos à presidência da Fiação, e eu não era a escolha da empresa. Mas Bueckmann não tomou nem conhecimento dos meus argumentos. Ele estava impressionado com o episódio da agenda e da assembleia de acionistas e disse: 'O senhor é candidato da Renaux.' Convocou uma nova assembleia, defendeu o meu nome e fui eleito."

Como Loyola mesmo diz, "esta é a história do pulo do gato da Fiação, partindo de um modelo tradicional para o de uma empresa preocupada com a inovação".

HORA DE COLOCAR A MÃO NA MASSA

O dia 28 de abril de 1972 foi decisivo para a Fiação São Bento. Logo às 8 horas da manhã, Erich Bueckmann convocou uma reunião para acertar os termos da nova gestão. Às 10 horas foi a vez dos acionistas participarem da Assembleia Geral Extraordinária para a eleição da diretoria. E às 16 horas, uma nova reunião foi realizada, já conduzida pelo recém-eleito presidente José

Henrique Carneiro de Loyola. Uma maratona necessária para começar a delinear esta nova fase, com a mudança do estatuto social e aumento do capital social, entre outras coisas.

João Theodoro Meinert, que a princípio havia renunciado para fins de aposentadoria, foi reconduzido ao cargo de diretor-gerente, a pedido de Bueckmann. E Erich Bueckmann, depois de longos anos a serviço da empresa, passou a integrar o Conselho Fiscal.

Além do presidente e diretor-gerente, a organização interna da empresa, minuciosamente desenhada com a ajuda da consultoria contratada, ficou assim configurada:

- Gerente Financeiro, Horst Maul, que tinha sob sua responsabilidade as áreas de Contabilidade, Estatística e Custo Geral, Crédito e Cobrança, Tesouraria e Programação Financeira;
- Gerente Comercial, Renato Meinert (filho de João Theodoro Meinert), responsável pelo Departamento Pessoal e de Assistência Social, serviços administrativos, vendas, depósito e expedição, importação e exportação, compras e contabilidade de estoque;
- Gerente Técnico, Rolf Mettegang, com a área de Operação: programação e controle da produção, custos industriais, almoxarifado, manutenção e conservação, preparação, fiação e acabamento.

Esta configuração, somada às áreas de Assistência Jurídica e Secretaria, formava o time liderado por Loyola para dar um novo impulso à Fiação São Bento.

O novo presidente imprimiu a sua marca desde o início. Era preciso reverter a inadim-

plênia que ameaçava a saúde financeira da empresa, ampliar a carteira de clientes e evitar a concentração das vendas em poucas empresas, além de buscar novos mercados para fazer frente à política de preços da época.

Além disso, o maquinário estava obsoleto, ainda com máquinas *Whitin*, americanas, do início da operação e equipamentos usados, adquiridos aos poucos, com o passar do tempo. E havia questões administrativas e contábeis que precisavam ser equacionadas, conforme ficou evidenciado nos acontecimentos que precederam a chegada de Loyola.

A possibilidade de uma fusão entre a FSB e Cia Carlos Renaux chegou a ser estudada nessa época, mas logo foi descartada.

Logo no primeiro dia de trabalho, Loyola determinou que atrasos superiores a 30 dias somente seriam atendidos após consulta prévia sobre o pagamento. E medidas mais enérgicas foram previstas para inadimplência superior a 60 dias. Orientou a venda para outros clientes, evitando que poucos fregueses adquirissem grandes quantidades e providenciou notas interestaduais para levar a produção também para fora de Santa Catarina. Além disso, devido à pressão da concorrência, acelerou o processo de registro da Cacex, visando à exportação.

UM NOVO RITMO DE TRABALHO

O ano de 1972 foi de reestruturação da empresa, atendendo ao dinamismo do novo ges-

tor. Ao longo de maio e junho foram realizadas várias reuniões nas mais diversas áreas. Foi revisado o controle de estoque e as vendas. Mettegang começou uma série de viagens à Alemanha para prospectar clientes externos e já voltou para casa com um cliente interessado em adquirir 20 mil quilos de fios. A meta era vender diretamente, sem intermediários, e logo começaram os preparativos para a exportação do primeiro lote, que ocorreu no final daquele mesmo ano.

Ao longo dos anos seguintes, Loyola e Mettegang fizeram outras viagens à Alemanha para contatar com fornecedores de máquinas novas e realizar a venda de fios. Outros representantes da Fiação São Bento, alternadamente, também visitaram as principais feiras têxteis do exterior para aumentar o conhecimento de cada um, ampliar os horizontes, trazer ideias para a empresa.

O que não era o foco do negócio foi olhado de perto, com o objetivo de reduzir custos. Assim, foi feita a revisão do contrato de locação das casas da firma (que a esta altura já chegavam a 27 unidades) dentro do valor de mercado e estudada a venda dos imóveis. As casas foram construídas para atrair e abrigar as pessoas necessárias para a plena operação da fábrica, em uma época em que não havia mão de obra nas proximidades – 20 anos depois, este problema já não existia.

Qualificar as pessoas também era uma prioridade do novo gestor. Assim, o funcionário podia frequentar qualquer curso de interesse da empresa, com pagamento da mensalidade subsidiado. O chamado curso de “madureza ginásial”, em parceria com o Sesi e ministrado den-

tro da própria fábrica, foi mantido e a FSB começou a participar do curso do Departamento Nacional de Mão de Obra e Senai para qualificar o pessoal desempregado do bairro Serra Alta – era o fortalecimento do compromisso social com a comunidade, que aparecia também em doações para a igreja católica e para a escola de música, além da cessão de terreno para a Associação Atlética Fiação São Bento e para o Jardim de Infância Santa Cecília. A escrituração do terreno doado à igreja Católica para a construção da Capela São José também é desta época.

AMPLIAÇÃO DA FÁBRICA, QUEBRA DE MÁQUINAS E RESULTADO MULTIPLICADO

Em 1972 começaram também os estudos técnicos e de viabilidade econômica para a tão necessária ampliação da fábrica – um processo que durou cerca de dois anos e culminou, em 1974, na ampliação em “L” ao redor da construção inicial, com cinco *sheds*. Esse conjunto constitui hoje a Unidade 1.

Junto com a ampliação, veio a modernização das máquinas, com a renovação do parque fabril, uma necessidade que já era constatada há anos por Erich Bueckmann, mas que só foi possível com a chegada de José Henrique Carneiro de Loyola.

Foram dois anos de estudos e trabalhos intensos para construir esta nova realidade – que era urgente. Na época, o gerente comercial Renato Meinert já alertava para a grande procura por fios penteados e para a impossibilidade da Fiação atender a esta demanda, pois já estava

operando no limite máximo de capacidade.

Assim, logo no início de sua gestão, Loyola determinou que todos os gerentes se dedicassem ao estudo da implantação do projeto de ampliação da fábrica. Além da experiência destes profissionais, a empresa contava com uma análise técnica de módulos ideais de uma fiação, baseada em estudos acadêmicos.

O gerente Financeiro Horst Maul apresentou um primeiro esboço de planta, que foi a base para outra proposta, do gerente Técnico Rolf Mettegang, onde podia-se observar a construção em forma de “L” ao redor do prédio do final da década de 1940. Mais tarde foi acrescentado mais um trecho, formando quase um “U” no local.

As vantagens da planta desenhadas por Maul e Mettegang eram ressaltadas nas reuniões mensais de diretoria:

“Aproveitando a mesma sala do batedor/abridor para instalar mais uma máquina, pode-se utilizar, somente ampliados, os mesmos depósitos de algodão e a mesma parte social da firma. E o refeitório, ambulatório, consultório médico, dentista e posto Sesi ficam mais próximos. O mesmo acontece com o escritório comercial. Permite melhor supervisão do departamento e gerente técnico. Layout perfeito, pois o fluxo de material em elaboração termina todo em um mesmo acabamento e depósito de fio. O inconveniente é a grande quantidade de terra a ser retirada.”

O planejamento detalhado avançou e a execução esbarrou em dificuldades burocráticas. Com tudo pronto para o começo das obras, a prefeitura ameaçou embargar a terraplenagem do terreno. Superados os obstáculos, em julho do ano seguinte a terraplenagem foi concluída e o dia 3 de agosto de 1973 marcou o início da obra civil da nova Fiação.

Paralelamente, continuava o esforço para a atualização do maquinário. A ideia era modernizar a sala de acabamento, adquirindo retorcedeiras duplas, além de substituir 16 filatórios *Whitin* antigos, obsoletos, por um menor número de máquinas, porém mais eficientes, inserindo-as dentro do fluxo da indústria e ampliando a produção de fios penteados.

Para isso, Loyola olhou em volta e foi buscar formas de viabilizar o projeto financeiramente. Em março de 1974 foi feito um projeto para obter financiamento do BNDE/BRDE/FUNDESC.



Aprovação do contrato de financiamento do BRDE, em 1974

A aprovação do projeto era do BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico), com repasse do BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento Econômico). O BNDE disponibilizava uma linha de crédito com condições favoráveis para incentivar a indústria têxtil nacional.

Também foi obtido um certificado do CDI que concedia isenção do imposto de importação e um crédito correspondente ao valor do imposto de produtos industrializados (IPI) e à depreciação acelerada para importação de máquinas e equipamentos

O contrato de financiamento com o BRDE foi assinado em 29 de abril de 1974 e garantiu parte da ampliação da fábrica e, principalmente, a renovação das máquinas. Com isso, aquelas 16 máquinas *Whitin*, fabricação 1951, foram substituídas por 12 filatórios novos e modernos.

O empenho do presidente em acelerar a construção do novo parque fabril e promover a modernização do maquinário não era à toa. Loyola tinha a clareza de que para a empresa se manter competitiva e crescer era preciso ampliar a produção e reduzir custos – além de melhorar sempre a qualidade do produto final. E desde aqueles tempos, aplicou o conceito de atualização tecnológica continuada para fazer frente às novas demandas do mercado.

Em 16 de agosto de 1974 foi realizada a Festa da Cumeeira da ampliação da fábrica, com o final da construção básica e estrutural e a instalação da cobertura. Em seguida, chegaram as novas máquinas – um momento marcante para a Fiação São Bento, um símbolo de arrojo e inovação que Loyola se orgulha em contar.



Vista parcial da segunda
ampliação do parque
fabril, em 1973

O contrato com o BRDE previa a substituição do equipamento e exigia a eliminação das máquinas antigas, para que não fossem reutilizadas ou sucateadas, pois o objetivo era realmente renovar o parque fabril nacional. Isso exigia muita coragem, mas Loyola não teve dúvidas e destruiu máquinas a marretadas, sim marretadas. O que não foi destruído, foi eliminado da produção. Ele relata como isso ocorreu:

“Não podemos ficar parados. Nunca tinha ouvido falar em BNDE antes, mas se ele fazia financiamento, vamos lá. Peguei um navio do Loyd, do porto de Santos até o Rio de Janeiro. Viajava à noite e de dia parava no porto. Fui ao BNDE e consegui falar pessoalmente com o superintendente. Ele ficou tão surpreso! Disse que tinha um programa do Ministério da Indústria e Comércio que fazia exatamente o que eu precisava para a Fiação São Bento: financiar a renovação integral da indústria, mediante o compromisso de exportação. Tinha uma linha de crédito para isso, só precisava ir lá. E eu fui. Era um programa excepcional, com 10 anos de prazo para pagar e dois anos de carência. O compromisso era exportar.

Com esses recursos, pudemos comprar máquinas para produzir 350 toneladas em vez das 80 iniciais – e quebrar as máquinas velhas, jogar tudo fora. Aquelas máquinas americanas, ainda do pós-guerra, não faziam mais fio, faziam buclê.”

Ao todo, a unidade fabril ganhou uma área de 6 mil m², totalizando uma área construída



Sala de preparação. Tudo pronto para receber as máquinas novas, em 1974

de 13.600 m². Foram importadas máquinas modernas da Alemanha e Suíça, o que proporcionou a instalação de mais equipamentos na preparação e uma nova linha de filatórios. Com isso, a Fiação São Bento se colocou entre as mais modernas empresas do setor no mundo e avançou a produção, que passou para 350 t/mês. Este conjunto fabril, 13 anos depois, passaria a ser chamado de Unidade 1.

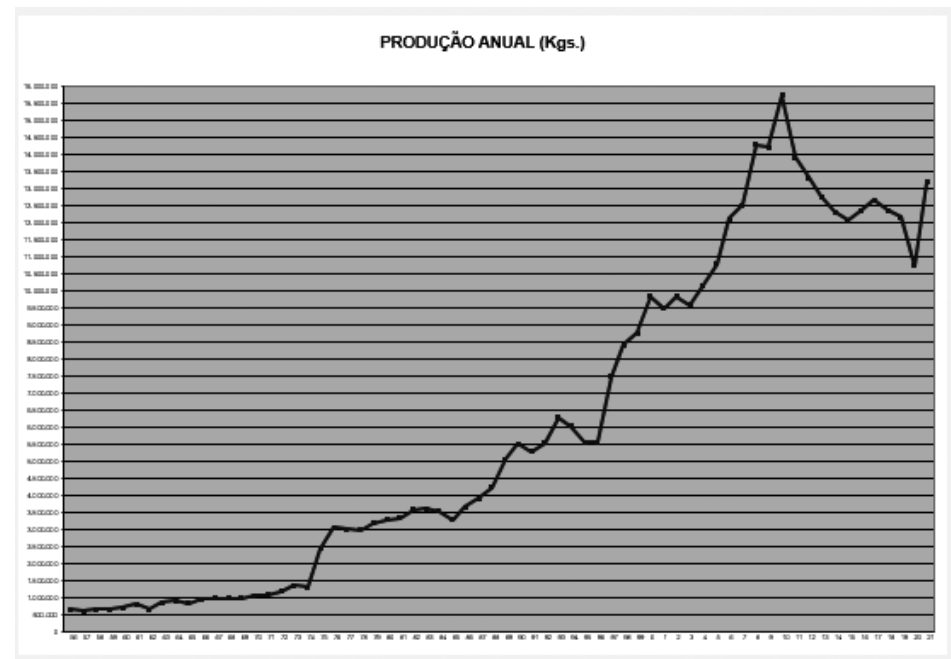


Gráfico de produção na década de 1970

CAPÍTULO 6

30 anos da fábrica – A FSB em festa

Em maio de 1978 a Fiação São Bento completou 30 anos de atividades com muito a comemorar. A empresa já havia vencido os desafiantes anos iniciais, passou por muitos momentos turbulentos da economia brasileira e estava vivendo uma época de dinamismo e expansão, sob comando de Henrique Loyola. Ao mesmo tempo, já havia consolidado muitos dos valores que a acompanham até hoje, como a valorização dos funcionários e parceiros, e a proximidade com a comunidade.

Para marcar a data, foi realizada uma reunião comemorativa, com direito a churrasco e dança com música ao vivo, reunindo diretores, gerentes e funcionários no salão da Sociedade Desportiva Bandeirantes, em São Bento do Sul. Cerca de 400 pessoas estiveram presentes e um ônibus foi contratado para levar os funcionários do bairro Serra Alta para o evento.

Dos tempos heroicos da fundação ainda estava presente o diretor-gerente João Theodoro Meinert, que acompanhou de perto todo o processo. À porta do salão, o presidente Loyola e Meinert cumprimentaram um a um os funcionários que chegavam, que eram apresentados individualmente por Doracy Terezinha Schwarz, do Departamento Pessoal.

Uma mesa de honra reuniu os funcionários com mais de 25 anos de casa – e quem tinha cinco, dez e vinte anos de empresa recebeu medalhas.



Festa do 30º aniversário da FSB,
em 1978



João Theodoro Meinert, com 30
anos de casa, recebe distinção de
Henrique Loyola

Os com mais de 25 anos ganharam também brindes especiais. João Theodoro Meinert, o mais antigo, com 30 anos de dedicação na época, foi o destaque, com uma placa de prata alusiva à data.

A Fiação São Bento levantava um brinde ao passado e olhava para a frente, sempre atenta ao que estava por vir nos próximos 30, 35 anos.

RUMO À SEGUNDA AMPLIAÇÃO

Em uma organização industrial, parar significa estagnar – e pior, retroceder. Henrique Loyola sabia disso, e de olho no mercado, tão logo concluiu a atual Unidade 1 já começou a cultivar uma ideia mais arrojada, uma fábrica ainda maior, que continuasse a alavancar a produção. Isso sem descuidar da renovação constante e das pessoas que fazem a empresa.

Embora o bairro Serra Alta estivesse em franco desenvolvimento, as opções de lazer para os funcionários ainda eram restritas e a empresa tentava amenizar isso. Assim, no final da década de 1970, foi acolhida a solicitação de construção de um galpão de madeira para a sede provisória do Grêmio Recreativo da Fiação São Bento (Grefisa).

Na área industrial era preciso abrir espaço para a renovação e as máquinas velhas viraram sucata. Um planejamento anual indicava o que deveria ser substituído ao longo do período.

No início da década de 1980, o projeto de ampliação da Fiação começava a tomar forma, com um aumento previsto no próprio terreno – aquele mesmo na antiga Estrada dos Banhados e onde a FSB está até hoje. Arrojado, este projeto previa a ampliação parcial de todos os setores de produção, com adaptações e, principalmente, compra de novos equipamentos. Na época, havia o objetivo de alcançar uma produção mensal adicional de 130 toneladas de fios com título médio 20. Uma meta ousada, mas feita em etapas, dentro de um cauteloso plano financeiro e, no início, sem prazo para conclusão.

A cautela se mostrou justificada pelo que se viu nos anos seguintes. Com uma inflação galopante que chegou a inacreditáveis 80% ao mês (isso, mesmo, ao mês!), a economia do País viveu um período difícil e não foram poucas as empresas que não aguentaram e encerraram as atividades. Não sem motivos, os anos de 1980 são conhecidos hoje como a “década perdida”.

A Fiação São Bento, porém, sobreviveu e cresceu. Mais que isso: em 1988 inaugurou um projeto ousado: a Unidade 2.

SEMPRE EM FRENTE

Na prática, as obras de melhorias na Fiação São Bento nunca pararam. Enquanto planejavam a nova unidade, continuava em andamento a reforma e ampliação do escritório comercial e a conclusão da portaria. Posteriormente foi feito o estacionamento de veículos em frente à entrada principal, no lugar onde até a década de 1980 ficava o estacionamento de bicicletas.

Nesta época, o mais antigo funcionário da Fiação afastou-se por motivo de doença. João Theodoro Meinert estava na empresa desde a sua concepção e depois de 36 anos de dedicação, se aposentou em 1983. Com isso, Horst Maul, na época já com mais de 30 anos de atividades, desligou-se das atividades que acumulava como superintendente na Cia Fabril Lepper, em Joinville, e assumiu como diretor-gerente da Fiação São Bento, missão que mantém até 2023, nos 75 anos da empresa.

Juntos, Henrique Loyola e Horst Maul intensificaram os trabalhos de construção da nova unidade a partir do final de 1985, quando a Construtora Stein apresentou os primeiros estudos do novo projeto de ampliação do parque fabril. A aquisição de áreas para a ampliação continuava e foi realizado o levantamento do volume de terra a ser removido para a execução do novo projeto.

A necessidade era urgente. Apesar da crise econômica que assolava o País e atingia em cheio a indústria, a Fiação tinha grande demanda por fios e precisava atender a clientela. Para tentar amenizar a situação, a FSB firmou um contrato com a Fiação Joinvilense para a compra de toda a sua capacidade produtiva. Com isso, ampliou a capacidade de vendas em 501%, enquanto prosseguia com a expansão.

O ano de 1986 foi marcado pela passagem do cometa Halley, que antes só havia sido visto da Terra em 1911, e fez com que todos olhassem para os céus para tentar vê-lo – algo que só ocorria uma vez na vida. A explosão do ônibus espacial norte-americano Challenger foi transmitida ao vivo para todo o mundo, que assistiu a morte dos oito tripulantes e a contenção da corrida espacial. No Brasil, a tentativa de frear uma inflação nunca antes vista, motivou a criação do Plano Cruzado, caracterizado por uma forte desvalorização da moeda e congelamento de preços, salários e taxa cambial. A moeda do País passou a ser o Cruzado.

Enquanto isso, na Fiação São Bento, a Unidade 2 começava a virar realidade. Logo em março daquele ano, foi realizada a terraplenagem do terreno, ao mesmo tempo em que a

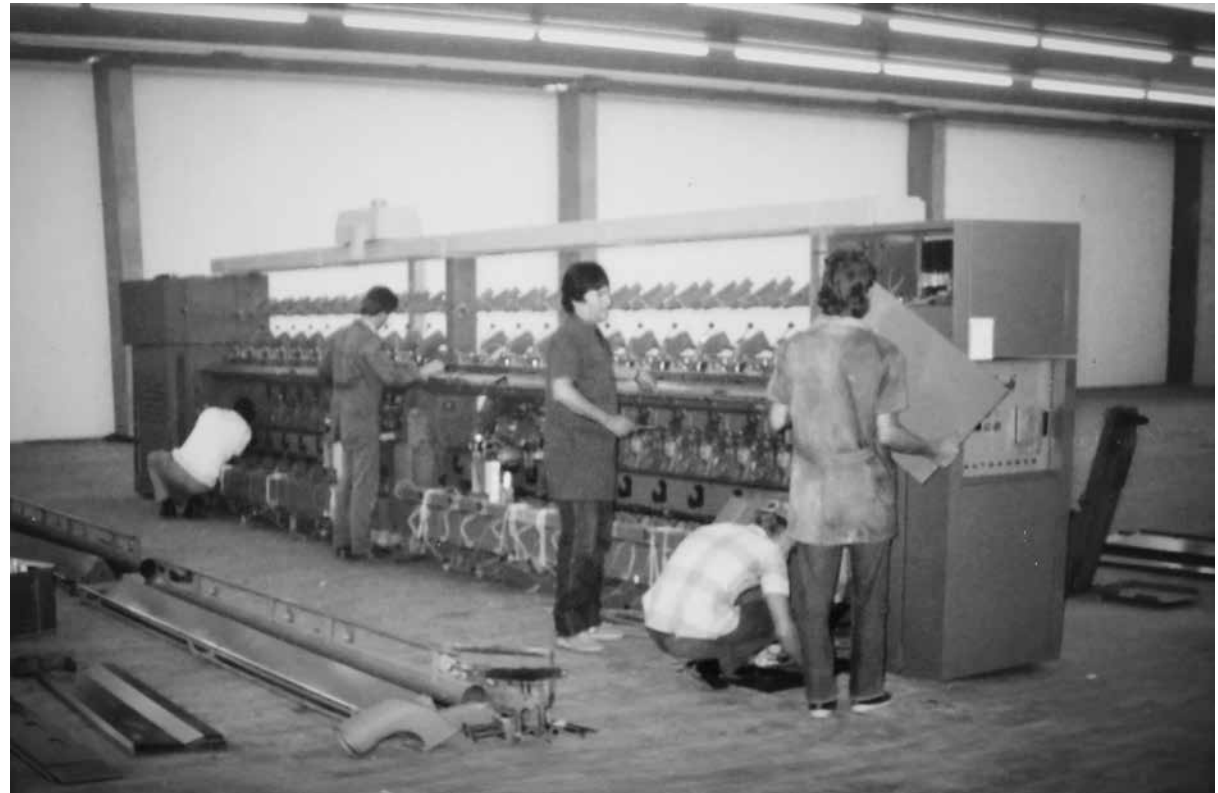
planta definitiva era apresentada pela Construtora Stein e elaborado o cronograma geral para a aquisição e instalação de máquinas, incluindo as projeções financeiras. E em 28 de maio de 1986, no dia em que a Fiação São Bento comemorou os 38 anos de fundação, uma solenidade marcou o lançamento da pedra fundamental da obra de ampliação da fábrica.



Início da terraplenagem da
Unidade 2, em 1986

Construção da Unidade 2





Montagem do parque fabril da
Unidade 2

Uma grande festa contou com a presença dos diretores Henrique Loyola (presidente), Horst Maul (diretor-gerente); dos gerentes Rolf Mettegang e Renato Meinert; dos assessores da diretoria, Sérgio Rodrigues Alves, João Paulo Moreira Braga e Ruy Randolpho Weber, e dos colaboradores da empresa.

Na ocasião, Loyola enfatizou o significado do ato para a FSB, para São Bento do Sul e para Santa Catarina, detalhou o empreendimento e mirou o futuro. A Unidade 2, primeira parte do projeto, foi inaugurada em 1988. Mas os planos já previam a continuidade com a Unidade 3.

Na prática, a obra marcava o início da terceira grande fase da história da Fiação São Bento: A 1ª foi a fundação da empresa, do zero, liderada pela Fabril Lepper e pela Companhia Carlos Renaux, e com a participação de empresários principalmente de São Bento do Sul, para fornecer matéria-prima para a indústria têxtil. A 2ª foi a chegada de Henrique Loyola à presidência, em 1972, e a primeira grande ampliação do parque fabril, em 1974 – junto com a renovação do maquinário. E a 3ª fase estava sendo erguida naqueles dias, com o início dos trabalhos da Unidade 2.

Mais que isso, ao final da década de 1980, a Fiação São Bento há muito tempo não era mais uma empresa isolada. Ao contrário, fazia parte de um grupo sólido liderado por Henrique Loyola e que somava 13 organizações, entre elas a Cia Fabril Lepper, na época, às vésperas de completar 80 anos de fundação. No total, o grupo gerava mais de mil empregos diretos.

A ata da solenidade foi lida por Ruy Randolpho Weber, colocada em um recipiente e enterrada com a instrução de que fosse aberta no ano 2000 e, após atualizada a história, no ano 2048, no centenário da empresa.

A festa foi marcada ainda pela premiação da Prata da Casa, entre elas o colaborador Adelino Tremel, neto do fundador da banda Tremel, um dos patrimônios culturais da cidade. Ele

comemorava 35 anos de dedicação à FSB. A eleição da Rainha da Festa da Fiação São Bento também iniciou neste evento – e por anos foi uma das atividades mais animadas do Grefisa. Ainda hoje, as fotos das mais belas colaboradoras da fábrica podem ser vistas em uma galeria na área administrativa.

“UM ALQUEIRE DE MÁQUINAS”

A construção da Unidade 2 ocorreu em um período desafiador no País, como já vimos. Após o início da obra, os custos de produção voltaram a se elevar acentuadamente e mesmo com as precauções ante as incertezas da economia nacional, o reflexo do congelamento de preços promovido pelo Plano Cruzado espelhou-se negativamente nos custos, impactando nos resultados da empresa. Mesmo assim as obras e investimentos não pararam.

Para garantir a energia elétrica, um linhão expresso da Celesc foi puxado para a FSB, saindo do bairro Oxford até o Serra Alta. Este ramal foi concluído no final de 1987, pouco depois da Festa da Cumeeira da nova Fiação e do início da montagem dos filatórios *HOWA* e das maçaroqueiras.

Com isto, em maio de 1988, dentro do prazo previsto, a FSB iniciou a fase experimental da produção em todas as seções da nova unidade, com ajustes normais e resultados satisfatórios – e ela já foi automaticamente integrada à fábrica, aumentando a produção.

A inauguração ocorreu em 28 de maio de 1988 – uma dupla comemoração, pois nesta data a

Fiação São Bento celebrava também 40 anos de fundação. Para a solenidade, Henrique Loyola convidou pessoalmente o então governador Pedro Ivo Campos, que compareceu acompanhado de seu vice, Casildo Maldaner. Também estiveram presentes o prefeito de São Bento do Sul, Affonso Pscheidt, empresários, acionistas, funcionários e representantes de classe.



Inauguração, com Pedro Ivo Campos, Henrique Loyola, autoridades locais e funcionários



Inauguração, com Pedro Ivo Campos, Henrique Loyola, autoridades locais e funcionários

Na época, esta área foi chamada de unidades 3 e 4. Só tempos depois é que a identificação foi alterada e ela passou a ser oficialmente a Unidade 2, como a conhecemos hoje.

Henrique Loyola conta um pouco desta época e da inauguração, um marco tanto para empresa quanto para a sua trajetória como líder empresarial e político.

“Naquela época a inflação era de 80% ao mês. Tinha que estar com os preços sempre atualizados, praticados com eficiência e com custos controlados. Mas você conseguia sobreviver e a história está aí para provar. E não só isso, nós fizemos uma ampliação grande na Fiação, praticamente dobrando a produção.

A Unidade 2 tem uma área enorme, sem pilares, com iluminação embutida, um negócio espetacular. O projeto é do Egon Stein, engenheiro de Blumenau, especializado em indústria e muito eficiente. A partir daí todas as novas unidades foram feitas assim.

Na inauguração, convidei o governador Pedro Ivo Campos e ele veio acompanhado do vice, Casildo Maldaner que, quando viu a área, a chamou de “um alqueire de máquinas”, com bom humor e espontaneidade, usando as suas referências do campo.

Acredito que essa visita à Unidade 2 da Fiação São Bento tenha sido a razão do governador Pedro Ivo Campos me convidar para ser secretário da Indústria, Comércio e Turismo no ano seguinte, mesmo sem eu ser vinculado a nenhum partido político, na época. Ele viu aquilo e ficou encantado. E eu nem sei por que o convidei. Pensei que não viria. Mas veio – e com o Casildo.”

A Unidade 2 começou a operar com uma área construída de 15.131,84 m², divididos em dois pavimentos, com uma capacidade produtiva de 380 toneladas de fio/mês. Um grande avanço para a época – e até hoje, conforme explica o diretor da FSB, Andreas Broder: “A Unidade 2 é do Loyola. Toda vez que eu a vejo, sem colunas, penso: ‘É visão!’ O que atrapalha uma ampliação, a modernização, são as colunas. Às vezes temos que mudar uma máquina de posição ou colocar novas e não há um obstáculo. Impressionante como é bom.”

MAIS ESPAÇO PARA CRESCER

Sob o comando de Henrique Loyola, a Fiação São Bento terminava uma obra e já começava outra. Assim, logo vieram a Unidade 3 (atual 2B) e depois a 4 e a 5 (atual Unidade 3).

Para comportar este crescimento, a empresa utilizava os terrenos ao redor da fábrica, adquiridos ao longo do tempo. Porém, era preciso mais.

No caminho da expansão da fábrica havia uma estrada. Literalmente. A estrada que liga o município de Corupá a São Bento do Sul, o atual Acesso Sul Pedro Bayerl, passava atrás da Fiação, estabelecendo um limite físico às ampliações. As novas unidades deveriam ser feitas do outro lado da estrada, um transtorno que foi resolvido por Loyola, com seu jeito próprio de criar soluções.

A Fiação São Bento há muitos anos já estava consolidada como uma das grandes empresas da região e a expansão do parque fabril significava mais empregos e renda para a população local – e mais desenvolvimento para São Bento do Sul e Santa Catarina. Ou seja, trazia benefícios para todos.

Henrique Loyola, então, usou uma estratégia que conhecia bem e que costumava dar resultados. Bateu diretamente à porta do governador de Santa Catarina, Vilson Kleinubing, no Palácio da Agrônômica, em Florianópolis, apresentou os objetivos da empresa e o significado da iniciativa para o progresso da região. E conseguiu a alteração do traçado da rodovia para comportar a expansão da fábrica, conforme ele mesmo conta:

“Depois da Unidade 2, vieram outras. Terminada aquela, já emendávamos outra. Mas da unidade 4 para a 5 tivemos que fazer o desvio rodoviário na estrada Corupá/São Bento. Em uma viagem, vindo de Porto Alegre, resolvi consultar o governador Kleinubing sobre a possibilidade de fazer o desvio. Não o conhecia pessoalmente, não tinha agenda marcada e era de um partido de oposição, mas ele me recebeu assim mesmo e conversamos sobre o desvio da estrada. Acabou se tornando um grande amigo.

O argumento usado foi o desenvolvimento da cidade e do estado que isso propor-

cionaria. Estávamos investindo em máquinas zero, que iriam possibilitar o aumento da produção e gerar mais empregos. Era uma unidade inteira com o processo completo, desde o depósito de algodão e o abridor até o final. Tudo moderno.”

CAPÍTULO 7

Tecnologia e diversificação

A Fiação São Bento nasceu devido à necessidade de fornecimento de fios de qualidade para a indústria têxtil catarinense – e esta preocupação com a qualidade há 75 anos faz parte do dia a dia da empresa, permeando o processo produtivo e comercial.

Ao longo deste tempo, a tecnologia e a diversificação também marcaram a produção, uma exigência do mercado mundial. Na década de 1950, a produção era de fio 100% algodão, com titulações 10, 16, 20, 24 e 30. Titulação é o nome que a indústria têxtil dá à espessura do fio produzido – quanto maior o número, mais fino é o fio.

No final da década de 1980, com a Unidade 2, foi introduzida a produção de poliéster branco. E a partir da década de 1990, o poliéster tinto passou a ser usado na confecção de fio mescla, utilizados, por exemplo em casacos esportivos.

A titulação também foi ampliada e atualmente é possível fazer cerca de 100 diferentes títulos, de acordo com a demanda e o planejamento de produção.



O aumento da produção total e da variedade de títulos ocorreu por dois lados: tanto no número de máquinas, quanto na eficiência delas. A tecnologia possibilitou equipamentos mais velozes e maior produtividade.

Para ter uma ideia, em 1967, uma carda trabalhava com 20kg/h de matéria-prima. Hoje uma carda trabalha com 70 kg/h, por exemplo. Os filatórios eram de 8 mil, 9 mil rotações no fuso. Hoje tem 15, 16 mil rotações no fuso. A partir de 1974, quando foi feita a ampliação da Unidade 1; depois com a instalação da Unidade 2, em 88; e as sucessivas ampliações e modernizações, foi possível alavancar a produção.

A tecnologia também trouxe mudanças no processo produtivo. Em 1997 foi iniciada a construção da Unidade 3 (inicialmente chamada de unidade 4), com a linha de *Open End*. Com área de 9.881,37 m², ela foi concluída em 1998 e uma segunda parte foi feita posteriormente, em 2002. Este sistema permitiu agilizar o processo produtivo, pois abrevia etapas. Sem a necessidade da maçarqueira, por exemplo, a *Open End* estira, torce, enrola, paraфина e já finaliza o produto ali. Com isso, foi possível o incremento mensal de 450 toneladas de fios só naquela unidade.

Para possibilitar o aumento da produção, era preciso mais matéria-prima e também melhorias na reta final do produto para o cliente. Assim, em 2005, a Fiação São Bento investiu na construção de uma área de 4.940 m² exclusiva para o acondicionamento de fio, pesagem e demais insumos.

E continuou a crescer, com a construção da Unidade 2B, no local da antiga caixa d'água. Com isso, ganhou mais uma área de 1.817,41 m² e pode utilizar melhor o potencial do setor de preparo. A produção, então, teve um incremento de 100 toneladas mensais. A esta altura, com todas as melhorias, aquela fiação que inicialmente, na década de 1950, produzia 70 toneladas de fio por mês, já atingia a marca de 1.250 toneladas de fio por mês.

A evolução da Fiação São Bento

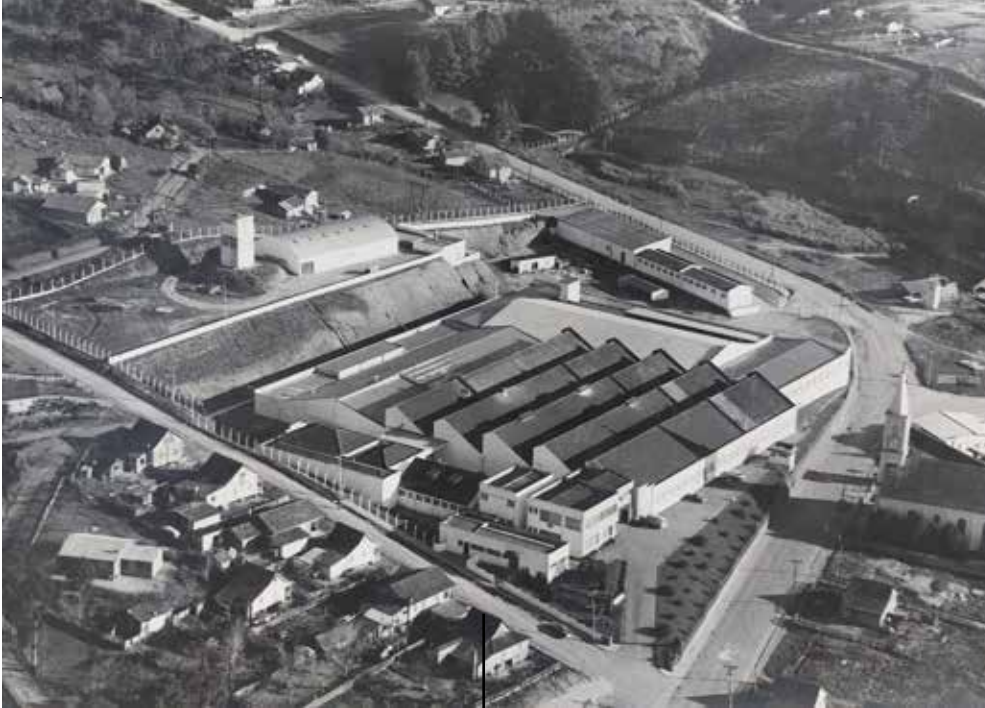
O início gradativo - Área construída de 3.100 m² e produção média de 75 toneladas/mês em 1955.

1951



1968

Área construída de 4.500 m² e produção de 150 toneladas/mês.



1974

Área construída de 13.600 metros quadrados e produção de 320 toneladas/mês. Este conjunto fabril hoje é a Unidade 1.

Unidade 2 - nova construção, com mais 15.131,84 m² e produção de 380 toneladas/mês.
Produção total:
700 toneladas/mês.

1988





1998

Unidade 3 – nova construção, com mais 9.881,37 m² e produção de mais 450 toneladas/mês.

Produção total: 1.150 toneladas/mês.

2000

Construção de área exclusiva de depósito, pesagem e expedição – 4.420,36m²

Inauguração do Memorial da Fiação São Bento

2005

Novo depósito de matéria-prima e insumos – mais 2.470 m² na rua Otto Eduardo Lepper

2008

Unidade 2B – nova construção, com mais 1.817,41 m² e produção de mais 100 toneladas/mês

Produção total: 1.250 toneladas/mês.



2015

Novo depósito de matéria-
prima e insumos –
mais 3.471 m²

2023

Observação: A expansão da área física foi acompanhada da constante modernização dos equipamentos e da implementação de um laboratório de controle de qualidade de ponta. O resultado é uma produção de 1.250 toneladas de fio/mês com padrão mundial de qualidade.

LABORATÓRIO MODERNO

Não sem motivos, o setor de Produção está profundamente ligado à área de Controle de Qualidade, e funcionam lado a lado no parque fabril. A atualização tecnológica é constante e no final de 2021 o Laboratório recebeu dois equipamentos novos, o Uster Test 6 e o Afis Pro 2, os mais modernos existentes na América do Sul.

Hoje, a Fiação São Bento integra a Estatística Uster Oficial, um padrão mundial que determina o quociente de qualidade e estabelece parâmetros para a indústria têxtil em todo o mundo. Henrique Loyola explica:

“Com a contínua modernização, o laboratório passou a ser uma área cada vez mais importante e a contar com um espaço específico dentro da Fiação, ao lado da produção. Ele controla todo o processo, desde a matéria-prima até o produto final. É tudo testado. Hoje, tenho a impressão de que não existe fiação mais moderna que a nossa. Estamos sempre recebendo máquinas novas.”

A FSB participa ao lado de fiações de países como Egito, Índia, Paquistão, entre outros reconhecidos pelos seus produtos, e atinge um percentual de 25% na Estatística Uster, onde quanto menor o percentual, maior a qualidade – um resultado positivo em todo o mundo.

Ou seja, a melhoria constante do controle e dos processos acompanhou o aumento quantitativo da produção ao longo do tempo, o que possibilitou o estabelecimento de um padrão de qualidade que garante a boa aceitação no mercado.



Tecnologia de ponta no laboratório

A preocupação com o controle de qualidade é um diferencial desde a fundação. O gerente de produção Edemar Telma chegou à empresa no início da década de 1970 e conta que sempre houve uma análise laboratorial. A partir dos anos de 1970, porém, com o início das exportações, isso foi intensificado. Na época, para a exportação era exigido um certificado específico de qualidade, e a análise para obter este atestado era realizada em um laboratório em Brusque. “Saíamos às 4 da manhã com as amostras e chegávamos em Brusque às 7 horas. Esperávamos fazer os testes e voltávamos de noite. Depois, até os anos 80, a Fiação chegou a exportar 20%, 25% da produção. Imagine o volume de provas e análises, que só eram realizadas em Brusque e em Blumenau... Aí foi decidido investir na ampliação do laboratório físico para atender a esta demanda”, revela ele, que atuava na área de Planejamento e Controle de Produção (PCP) e participou do projeto de ampliação do laboratório, financiado pelo Finep. “Ali conseguimos montar um laboratório mais adequado, com todos os aparelhos necessários”, complementa.



CAPÍTULO 8

Gente que faz a Fiação

A Fiação São Bento preza o vínculo com as pessoas que a integram. Em 75 anos de atividades, é comum encontrarmos funcionários com décadas de casa, que acompanharam cada passo da evolução da organização e fizeram parte do dia a dia desta história.

Muitos dos atuais líderes começaram bem jovens, participaram do desenvolvimento e da modernização da FSB, cada um em sua área – e se desenvolveram junto com ela.

O diretor Horst Maul, como já vimos, é com certeza o mais antigo em atividade. Ele chegou no início da operação e, ao longo dos anos, se consolidou como personagem central da empresa.

José Henrique Carneiro de Loyola, responsável pela virada de chave que garantiu o crescimento da FSB a partir da década de 1970, completou 50 anos à frente da presidência em 2022, imprimindo a ela a sua personalidade inovadora e visionária.

Arnoldo Harms, gerente de vendas, chegou à Fiação em 4 de maio de 1959, como faz questão de frisar. Começou como escriturário no setor de Faturamento, fazendo as notas fiscais à mão e em 1962 foi promovido a inspetor de vendas.

Durante anos, pegava sua pasta e percorria as tecelagens e malharias de Santa Catarina levando os produtos da Fiação, atendendo os fregueses e conquistando nova clientela. Nessas andanças, contribuiu para expandir as vendas, abrindo novos mercados para a FSB, que até então, vendia majoritariamente para Santa Catarina. Ele conta como foi:

“Abri as vendas no Rio Grande do Sul e constituímos representantes em São Paulo. Até então, as vendas eram em Santa Catarina. Depois foram expandidas para o Rio Grande, São Paulo, Rio de Janeiro e outros estados. Eu fazia visitas mensalmente e mantinha contato com os representantes – muitas vezes ia com eles ao cliente final para mostrar nossos produtos. Levava a minha pasta e algumas amostras – outras iam pelo Correio ou por caminhão.”

Nesta época, a FSB produzia fios de algodão, cardado, para malharias; e fios retorcidos para as tecelagens produzirem toalhas felpudas, por exemplo.

Em Santa Catarina, não havia representantes de vendas e o próprio Arnaldo Harms percorria mensalmente o polo têxtil catarinense para “tirar os pedidos”. Este polo têxtil já era consolidado e abrangia principalmente cidades como Joinville, Blumenau, Indaial, Gaspar, Timbó, entre muitas outras. Com isso, a Fiação trabalhava sem estoques – toda a produção era absorvida pelo mercado.

Este movimento e, principalmente, a rede de relacionamentos da empresa, contribuíram para que a Fiação São Bento tivesse importante papel no desenvolvimento do setor têxtil catarinense nas últimas décadas do século 20.

Funcionária da área de Vendas, Marilda Pries chegou à Fiação São Bento em 1985 e acompanhou parte deste movimento. Ela revela que muitas malharias começavam suas atividades de forma modesta e careciam de informações sobre fornecedores de outros insumos e até acessórios e máquinas. Mas Arnaldo Harms, que percorria toda a região, conhecia dezenas de empresas e o mercado, sabia bem onde encontrar o que elas precisavam e, com generosidade, compartilhava seu conhecimento. Ela conta:

“A Fiação ajudou muitas malharias a crescerem. A maioria começava em uma garagem ou na sala de casa – as mulheres iniciavam e depois os homens as acompanhavam. E o Seu Arnaldo visitava a todos, empresas pequenas ou grandes. Ele conhecia tudo e quando uma empresa iniciante perguntava onde encontrar, por exemplo, fornecedores de elástico, tela ou outras coisas, ele sabia. Com este intercâmbio de informação, ele e a Fiação ajudaram muito na evolução do setor na região ao longo das décadas de 1970 e 80.”

A lista de nomes de jovens que chegaram à Fiação há 20, 30, 40 anos (ou até mais) e se

desenvolveram como profissionais é extensa e inclui funcionários de todas as áreas – do administrativo ao operacional. São pessoas como Edegar Telma, que chegou em 1972, aos 17 anos, como aprendiz; José Geraldo Flenik, o Geraldinho; Antonio Gonçalves, o Toninho, entre muitos outros.

UMA GRANDE FAMÍLIA

A Fiação São Bento é uma grande família. Desde o início das atividades, os funcionários orgulham-se de trabalhar na empresa e trazem seus entes queridos. Assim, é comum observarmos três gerações da mesma família, irmãos e casais fazendo parte da organização.

Em 75 anos de atividades não são poucos os jovens que se conheceram no parque fabril, namoraram, casaram e, tempos depois, trouxeram seus filhos para a empresa. Um exemplo é José Geraldo Flenik, supervisor da área de Qualidade, que ingressou na FSB em 1976. Muito antes dele, sua mãe, Cecília Flenik, começou na área de Meadeira (hoje substituída pela conicaleira), uma máquina que fazia meadas para vender em sacas, e depois foi para o refeitório. Ela conheceu Alexandre Flenik, que trabalhava na Manutenção, mas que antes disso, já havia participado do corte do barranco para construir a primeira unidade fabril.

Namoraram, casaram, compraram um terreno bem perto da fábrica e, com a segurança e estabilidade proporcionada pela FSB, ergueram a casa e criaram os três filhos. Quando

Geraldinho era adolescente, a mãe o chamou e disse: “Você vai estudar e trabalhar na Fiação”. E ele foi encaminhado para o curso de aprendiz no Senai, conforme relembra:

“Meu pai falou: ‘nós trabalhamos há muitos anos na Fiação, você tem que caprichar lá dentro.’ Fiz a entrevista, me contrataram e me deram dois ou três metros de tecido para fazer um guarda-pó e uma calça. E meu pai mandou fazer uma sandália de couro para eu vir trabalhar. Me apresentei e me encaminharam para o curso no Senai, já financiado pela empresa. Levantava às 6 horas da manhã, pegava o circular. Estudava de manhã, almoçava e das 13h às 17h30 trabalhava. Ganhava meio salário como aprendiz.”

Os pais se aposentaram na FSB. O irmão trabalhou por 44 anos e também já se aposentou. E ele continua até hoje, à frente do Laboratório.

Como a família Flenik, muitas outras percorreram o mesmo caminho e é comum encontrarmos filhos, irmãos, primos e sobrinhos na empresa.

“As pessoas são muito importantes para nós. Gostamos muito quando um filho ou neto de funcionário também vem para cá, pois a família já tem uma história na Fiação São Bento. É uma tradição e isso é muito importante”, explica o diretor Andreas Broder.

VALORIZAÇÃO DAS PESSOAS

Permanecer por muitos anos, trazer a família e fazer da empresa uma extensão de casa, tem vários bons motivos. Além de ser uma organização sólida, que já superou muitos desafios ao longo de 75 anos de trajetória, a Fiação São Bento entende a importância de cada um dos que trabalham no local e cultiva uma cultura de estabilidade e valorização das pessoas.

O coordenador de Recursos Humanos, Leopoldo Fuckner, ingressou na Fiação São Bento em 1989 e revela os valores que permeiam a organização e fazem dela um bom lugar para trabalhar:

“A FSB sempre foi família, sempre cuidou de seus empregados. Evita demissões. Nas crises, sempre achou meios de conservar as pessoas, mantendo o pagamento normal dos salários, dando férias ao invés de demitir. A empresa sempre foi fiel aos compromissos com seus empregados, com os clientes e com os fornecedores. Todo mundo tem seu valor e o funcionário sabe que pode contar com ela.”

A ampla Política de Valorização de Pessoas vai muito além dos salários compatíveis com o mercado e inclui benefícios como atendimento médico, incentivo aos estudos, refeitório e participação nos resultados, além da segurança e do bom ambiente de trabalho – elementos

que se somam ao salário e contribuem para a qualidade de vida do funcionário.

Em 2022, o resultado do Programa de Participação nos Resultados (PPR) distribuído chegou a dois salários para quem trabalhou os doze meses e cumpriu as regras estabelecidas no programa, que é aprovado por uma comissão formada pelos próprios empregados. Um incentivo à constante melhoria interna e um incremento que contribui para a realização dos sonhos pessoais.

Distante do centro de São Bento do Sul, a empresa oferece serviços para facilitar a vida dos funcionários. Conta com um ambulatório completo, com enfermeiro nos três turnos, três médicos do trabalho em horários flexíveis para a realização dos exames periódicos – e dois destes médicos ainda realizam consultas com agendamento, estendidas à família. Quando há a necessidade de atendimento especializado, o paciente é encaminhado para clínicas conveniadas. A saúde mental também é contemplada, com assistência psicológica e psiquiátrica, por meio de parceiros. E medicamentos com receita médica tem subsídio de 50%.

O refeitório funcionando nos três turnos, com cozinha terceirizada, faz parte do elenco de benefícios. E tem até café com leite quentinho para quem não quiser arcar com a refeição e preferir trazer o lanche de casa.

O estímulo aos estudos e ao aprimoramento profissional é constante. Nas primeiras décadas, os aprendizes eram encaminhados para cursos técnicos no Rio de Janeiro ou em outros estados. Atualmente, são oferecidas bolsas de estudos com percentuais variados. A parceria com o Senai também garante a cota de aprendiz, com aulas teóricas no estabelecimento de

ensino e o aprendizado prático em diversas áreas da empresa. Ou seja, “com a mão na massa”, como diz o presidente Henrique Loyola.

O lazer também é levado em conta. Há alguns anos, as atividades recreativas giravam em torno da empresa. Na década de 1980, a Fiação São Bento chegou a contar com um concurso de beleza, com desfiles com roupas cedidas pelos clientes (e feitas com fio produzido na fábrica) e a escolha das mais belas funcionárias. A parte esportiva também foi destaque durante anos e o Memorial da Fiação preserva com cuidado os inúmeros troféus conquistados pelas equipes.



Sala de troféus do Memorial da Fiação São Bento

Com as mudanças ocorridas na sociedade e o crescimento do bairro e da cidade isso mudou bastante, mas ainda hoje o Grêmio da Fiação São Bento (Grefisa) oferece atividades de confraternização para toda a família.

Uma das mais populares é a pescaria anual, geralmente em fevereiro, que reúne funcionários e parentes em um dia inteiro de atividades. Mas também há festividades, distribuição de brindes no 1º de Maio e estímulo à prática de esportes.

A razão para tudo isso? Simples. Pessoas contentes, que se sentem seguras e valorizadas dão o melhor de si, permanecem na empresa e contribuem para o crescimento de todos.

AO LADO DA COMUNIDADE

O compromisso da Fiação São Bento com a comunidade em que está inserida começa no bairro Serra Alta e se ramifica por São Bento do Sul, de várias formas, desde o início de suas atividades.

Como já vimos anteriormente, a empresa proporcionou desenvolvimento e infraestrutura ao bairro, que cresceu à sua volta. Além disso, ao longo do tempo tem contribuído com as instituições locais, como as comunidades católica e luterana. Um exemplo é a doação da área onde foi erguida a Capela São José, que foi realizada ainda na década de 1960 e regularizada na gestão de Henrique Loyola, na década de 1970; a doação de um piano, nos anos de 1970, para a

Fundação Cultural de São Bento do Sul; o patrocínio do primeiro CD da Banda Tremel e de uma viagem de estudos do grupo à Alemanha também fazem parte das iniciativas na área cultural.



Igreja católica do bairro
Serra Alta

A criação da Fundação 12 de Outubro, em 1987, foi fundamental para ampliar estas ações.

Criada pelo presidente da FSB, Henrique Loyola, a instituição é focada na assistência a crianças e idosos, e desde setembro de 2015 está sob comando da Associação Diocesana de Promoção Social (Adipros), o braço assistencial da Igreja Católica. Quase desconhecida do público em geral, ela deixou sua marca na doação do terreno que viabilizou o Caic do bairro Serra Alta e na construção do prédio da escola técnica do Senai, ao lado, além de incontáveis ações beneficentes em São Bento do Sul e Joinville, municípios de atuação da fundação.

Caic e Senai foram erguidos
em terrenos doados pela
Fiação São Bento



A cessão da área de 17.748 m² para a construção do Caic permitiu que as crianças da localidade usufruíssem da escola em período integral, dentro do modelo estabelecido pelo governo federal no início dos anos 1990 para levar educação e cultura à população.

Na época, a Engepasa, empresa de Joinville, ganhou a concessão do governo federal para a construção dos Caics no Sul do País. Uma das unidades viria para Santa Catarina, mas a cidade ainda não estava definida. Para concretizar o projeto, porém, era preciso que houvesse um terreno disponível, o que geralmente era responsabilidade das prefeituras locais.

A princípio, a região Norte não estava no páreo para receber a escola e havia um movimento forte para levá-la para o Alto Vale. Nesta hora, a rede de relacionamentos do presidente Henrique Loyola foi fundamental. O empresário Álvaro Gayoso Neves, proprietário da Engepasa, era amigo pessoal de Loyola e perguntou se ele não doaria a área para garantir a obra. “Está doado!”, respondeu Loyola sem hesitar.

A Fiação São Bento possuía um terreno de 37 mil metros quadrados no bairro Serra Alta e Loyola tinha a convicção da importância de ter uma escola com aquele conceito na região. Ele doou 17 mil m² daquela área e contribuiu para a viabilização da implantação do Caic no Planalto Norte.

E os 20 mil m² restantes? Eles foram destinados a outra obra para reduzir a carência educacional na região: a construção de uma escola de formação profissional, de nível técnico, em parceria com o Senai.

Por meio da Fundação 12 de Outubro foi doado o terreno e erguido e equipado o prédio. O Senai ficou responsável pela educação, trazendo o seu *know how* de ensino técnico. “O aluno que deixa o Caic pode completar sua formação profissional no Senai, no mesmo bairro”, explica Henrique Loyola. Esta unidade conta com cursos voltados para o perfil industrial das cidades da região, ou seja, prepara o jovem para o mercado local.

O reconhecimento das ações da Fundação 12 de Outubro em São Bento do Sul ocorreu em 2011, quando uma praça inaugurada no bairro Serra Alta ganhou o nome de Henrique Loyola. E naquela ocasião, a Fiação São Bento se comprometeu a contribuir com a reforma da Estação Ferroviária Serra Alta, no mesmo bairro.

FORTALECIMENTO DO ASSOCIATIVISMO E DA PARTICIPAÇÃO NA VIDA PÚBLICA

O associativismo é um instrumento de união que fortalece uma comunidade. Problemas comuns são enfrentados e resolvidos em grupo, o que é positivo para todos. Os gestores da Cia Fabril Lepper e da Fiação São Bento têm esta convicção e sempre participaram tanto das associações comerciais e industriais das cidades em que estão sediadas, quanto da vida pública. Com isto deram sua contribuição de forma mais ampla para o desenvolvimento de Santa Catarina.

Henrique Loyola foi presidente da Associação Empresarial de Joinville (Acij) em 1991 e

1992, vice-prefeito da cidade entre 2000 e 2004, secretário de Estado da Indústria, Comércio e Turismo, e senador da República.

No Planalto Norte, Horst Maul é um dos 46 fundadores da Associação Comercial e Industrial de São Bento do Sul (Acisbs), em 1957. Como secretário da entidade, participou em 1971 da fundação da Federação das Associações Comerciais e Industriais de Santa Catarina (Facisc). Em 1991 e 1992 foi vice-presidente e de 1994 a 1996 assumiu a gestão da Acisbs. É desta época o início da mobilização que resultou na construção de uma nova sede para a entidade.

Como já vimos anteriormente, Maul também foi eleito vereador no início da década de 1970 e logo assumiu como presidente do Legislativo.

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS, UM CAPÍTULO À PARTE

Os incêndios são uma preocupação frequente não só nas empresas como em toda a comunidade. Na Fiação São Bento não era diferente e os sustos aconteciam às vezes. Em agosto de 1962 houve um incêndio em uma maçarqueira, que foi rapidamente combatido. Na ocasião, as medidas de prevenção foram reforçadas, tambores com água e baldes foram distribuídos por toda a fábrica e a rede de hidrantes foi concluída para possibilitar rápido combate ao fogo, se fosse necessário. Porém, estava cada vez mais clara a necessidade de tomar uma atitude a este respeito.

Assim, em março de 1963 foi organizado oficialmente o Corpo de Bombeiros da Fiação São Bento que, a partir de 2014, passou a ser chamado de Brigada da FSB. Um começo modesto, com oito homens em cada turno de serviço, tendo como chefe de equipe o próprio mestre do turno. Os poucos equipamentos que tinham, as mangueiras de incêndio, cabiam em um armário construído na marcenaria da FSB.

A diretoria e os funcionários, entretanto, sabiam a importância daquela conquista para a empresa e (como logo se verificou) para toda a comunidade. João Theodoro Meinert, Horst Maul e Arnoldo Harms estavam entre os fundadores e entusiastas – Harms, inclusive, foi o primeiro comandante e criador do emblema usado até hoje. Para marcar a data, o Dr. Erich Bueckmann reuniu convidados, fez demonstrações e instruiu pessoalmente os funcionários no combate a incêndios.

A partir daí, a presença dos bombeiros foi gradativamente ampliada e consolidada, atendendo não só a empresa, mas o bairro Serra alta, São Bento do Sul e outros municípios, como Campo Alegre, Rio Negrinho e até Mafra.

Arnoldo Harms lembra que o prestígio do Corpo de Bombeiros da FSB era tão grande que eles participavam dos desfiles cívicos e festas da cidade e tinham até um fardamento de gala para ocasiões especiais.

Desde o início das atividades, seus líderes têm participação ativa nos bombeiros, fora da empresa. Horst Maul foi um dos fundadores do Corpo de Bombeiros Voluntários de São Bento

do Sul e quando foi presidente da Acisbs se empenhou na reestruturação da corporação, que estava estagnada.

Já Arnaldo Harms chegou a ser comandante da Associação dos Bombeiros Voluntários do Estado de Santa Catarina (ABVESC), em São Bento do Sul.

A própria ABVESC, entidade que reúne mais de 50 corporações de toda Santa Catarina, foi fundada em 1994 pelo presidente da Fiação São Bento, Henrique Loyola, que sempre foi um entusiasta do modelo e na época era presidente do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville.

Atualmente, o comandante operacional do Corpo de Bombeiros Voluntários de São Bento do Sul, Marciano Lipreri, também é funcionário da empresa. E a secretária da corporação é Carla Liebl, comandante da Brigada da Fiação São Bento.

A participação feminina sempre foi destaque e a Fiação São Bento foi uma das pioneiras no Brasil a contar com uma brigada feminina de prevenção e combate a incêndios. Em 1991, Henrique Loyola solicitou que fossem colocados cartazes na empresa estimulando as funcionárias a aderir à corporação. O resultado superou as expectativas e mais de 40 mulheres se candidataram ao treinamento. Até hoje o presidente tem orgulho de contar que a equipe feminina se destaca entre os primeiros lugares nas Combivilles, uma competição anual entre bombeiros, que reúne voluntários de municípios de toda a região do Planalto Norte, Nordeste e Vale do Itapocu catarinense e também do Paraná.

Carla Liebl conta: “Várias vezes ganhamos a Combiville. Em um ano conquistamos o 1º lugar Feminino, mas a pontuação foi superior ao Masculino – podíamos ter ficado no 1º lugar geral, se houvesse essa categoria.”

Hoje, a brigada da FSB conta com seis equipes (duas femininas, três masculinas e uma mista), que atuam nos quatro turnos e sempre que são solicitadas pela corporação da cidade. Nestas horas, a comandante Carla Liebl não tem dúvidas: reúne as equipes e, no volante do caminhão de bombeiros, sai para ajudar o próximo.



Equipe feminina da Brigada da Fiação São Bento é destaque nas Combivilles

CAPÍTULO 9*Fiação São Bento de hoje - e do futuro*

Aliar os valores cultivados desde a sua inauguração com a permanente atualização tecnológica e o olhar para o futuro é um exercício diário na Fiação São Bento. E o compromisso com a inovação constante é uma diretriz do presidente Henrique Loyola, incentivado em todas as empresas do grupo.

Ao chegar aos 75 anos de atividades, a FSB tem capacidade de produzir 1.250 toneladas de fio/mês, em três unidades industriais situadas no parque fabril do bairro Serra Alta, que operam com sistemas diferenciados de fiação.

As unidades 1 e 2 utilizam a tecnologia dos filatórios no sistema convencional de anel, somando 56.992 fusos.

Na unidade 3, há 4.616 fusos destinados à produção de fio tipo *Open End* (OE), com tecnologia diferenciada.

O resultado é a produção de fios 100% algodão, mescla e poliéster em diferentes titula-gens.

A constante atualização permeia toda a empresa. Um sistema de informática integrado

une áreas diversas, como a Administração, a Produção e a Manutenção. Além de possibilitar cada vez mais confiabilidade nas informações necessárias para a tomada de decisões, ele permite que a empresa esteja preparada para as constantes mudanças na forma de trabalhar, uma realidade crescente nos últimos anos.

Na Operação, o destaque é o investimento em maquinário de última geração para aprimorar e incrementar a produção, fazendo frente aos desafios do mercado. Em 2022, por exemplo, foram instalados 12 filatórios Toyota, lincados às conicaleiras Murata – um processo totalmente automatizado, que garante que a Fiação São Bento aumente a produtividade e garanta a tradição de qualidade que é seu grande diferencial nestes 75 anos de história.



A fábrica continua se expandindo fisicamente. Em 2023, um espaço adicional de 1.000 m² está se somando à área construída para acomodar mais 11 conjuntos de filatórios e conicaleiras.

Paralelo a isso, o laboratório de Controle da Qualidade, que monitora todo o processo produtivo, da pluma de algodão ao fio, e é um dos grandes destaques da empresa, também recebe investimentos constantes. Totalmente informatizado e integrado à fábrica, ele recebe os dados necessários para a análise de cada etapa, garantindo que o produto final atenda os parâmetros mundiais de qualidade.

“A modernização é o caminho natural. O fio parece algo simples quando olhamos, mas a sua produção é muito complexa e temos que inovar sempre. Na Fiação São Bento, levamos em conta não só o aumento da produção, mas a produtividade, a tranquilidade e a confiabilidade”, explica Andreas Broder, diretor da FSB.

A preocupação com a qualidade faz parte da rotina de todos. Por isso, a empresa conta com grupo de Melhorias Contínuas e de programas 5S e de Normalização, o que estimula cada funcionário a olhar o ambiente e buscar formas de aprimorar cada vez mais os processos.

ATENÇÃO AO MEIO AMBIENTE

Pensar no futuro também é preservar o meio ambiente em que vivemos.

O processo produtivo de uma fiação é basicamente físico, o que já implica em reduzido impacto ambiental. Mesmo assim, a Fiação São Bento preocupa-se com a adoção de práticas sustentáveis em todo o processo, que minimizem ainda mais algum eventual impacto.

As ações começam em casa, com a reutilização de rejeitos da produção. Com isso, a empresa reaproveita 100% das sobras de materiais, evitando desperdícios e respeitando a natureza.

Mas a cadeia produtiva de uma fiação começa no campo, no plantio e colheita da matéria-prima, o algodão. Por isso, a Fiação São Bento conta com selos de sustentabilidade, que garantem o comprometimento de todo o processo com a preservação ambiental.

Um deles é o selo internacional BCI – *Better Cotton Initiative*, da Abrapa, que regula a cotonicultura por meio da fiscalização de boas práticas trabalhistas, agrícolas e sociais em todo o planeta. Esta certificação garante que o fio oferecido pela FSB é produzido com algodão licenciado, cultivado com processos sustentáveis.

Também conta com o selo ABL, que abrange toda a cadeia produtiva, desde o plantio sem uso de agrotóxicos, por exemplo, até a fabricação final do tecido. “É uma iniciativa mundial e no Brasil há uma grande preocupação com a sustentabilidade. A fiação usa processos físicos,

não usa corantes, por exemplo, e não tem muitos elementos que agridam ao meio ambiente. Mas observamos todo o processo. O produtor hoje tem tecnologia de plantio – está todo mundo preocupado em minimizar o impacto”, explica Andreas Broder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ROCHA, Isa de Oliveira. Industrialização de Joinville (SC) – da Gênese às exportações. 1ª edição. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.
- TERNES, Apolinário. “Lepper, primeiro século”. 1ª edição. Joinville: 2007.
- Blumenau em Cadernos nº 12, Tomo XVII. 1ª edição. Blumenau: 1976.

- **Fontes de pesquisa:**
 - Memorial da Fiação São Bento
 - Livros de Atas de Reuniões da diretoria da Fiação São Bento, volumes de 1 a 5
 - Hemeroteca Digital Catarinense, 2022. Disponível em <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br>. Acesso em maio de 2022.
 - Fábrica de Tecidos Carlos Renaux. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%A1brica_de_Tecidos_Carlos_Renaux. Acesso em julho de 2022.
 - Brusque Memória. Disponível em <https://www.brusquememoria.com.br/site/personagem/1/Carlos-Renau> - Acesso em novembro de 2022
 - Gazeta de São Bento do Sul. Disponível em <http://www.gazetasbs.com.br/site/noticias/pioneirismo-entrelacado-com-a-historia-de-sao-bento-do-sul-1086>. Acesso em janeiro de 2023.
 - IBGE. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/sao-bento-do-sul/historico>. Acesso em maio de 2022.
 - Catálogos, jornais diversos e publicações especiais da empresa.

• **Entrevistas:**

- Horst Maul
- José Henrique Carneiro de Loyola
- Helga Loyola
- Arnaldo Harms
- Edemar Telma
- Geraldo Flenick
- Marilda Pries
- Leopoldo Fuckner
- Antonio Gonçalves
- Carla Liebl
- Funcionários da FSB

Créditos das fotos:

Carlos Jr.

Arquivo Fiação São Bento

Revisão e edição *Jura Arruda*

Capa, projeto gráfico e diagramação *Michelline Mões*

Coordenação editorial *Editora Areia*

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência do autor.

Este livro foi revisado segundo o Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Contatos pelo e-mail: editora@editoraareia.com.br

Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

D541f

Dias, Maria Cristina

Fios de história: 75 anos da Fiação São Bento / Maria Cristina Dias;
Prefácio de Henrique Loyola, Horst Maul, Andreas Broder. – Joinville-SC:
Areia, 2023.

162 p., fotos.; 28 X 21 cm

ISBN 978-65-86150-89-6

1. Fiação São Bento - São Bento do Sul/SC - História. I. Dias, Maria
Cristina. II. Loyola, Henrique (Prefácio). III. Maul, Horst (Prefácio). IV. Broder,
Andreas (Prefácio). V. Título.

CDD 981.64

Índice para catálogo sistemático

I. Fiação São Bento do Sul/SC - História

2023

1ª edição

Esta obra foi composta na tipografia Dosis Family, Gotham Black e Times . Miolo em Papel couchê fosco 115g e a capa em Triplex 300g. Impresso em maio de 2023 na Impressul Indústria Gráfica Ltda.



@editoraareia
www.editoraareia.com.br
editora@editoraareia.com.br



www.fiacao.com.br

